

Diverse Internationalisation Of Teacher Education



Manual de Formação Local

Universidade do Porto

Este Manual Integra os Resultados do Projeto DITE:

2021-1-PI01-Ka220-Hed-000031129

Cooperation Partnerships In Higher Education

Project Result Number 3:

Design And Development Of The In-House Training Materials (2024)



Cofinanciado pela
União Europeia





Coordenador



Parceiros



Coordenação

Fátima Pereira (FPCEUP)

Autoria

Clara Vasconcelos (FCUP)

Henrique Vaz (FPCEUP)

Maria João Couto (FLUP)

Paula Queirós (FADEUP)

Paula Silva (FADEUP)

Rosa Tomás Ferreira (FCUP)

Sónia Rodrigues (FLUP)

Thiago Freires (FPCEUP)

Tradução (excertos adaptados do Manual do/a Formador/a DITE)

Cristina Sousa



Cofinanciado pela
União Europeia

Financiado Pela União Europeia. Os Pontos De Vista E As Opiniões Expressas São As Do(S) Autor(Es) E Não Refletem Necessariamente A Posição Da União Europeia Ou Da Agência De Execução Europeia Da Educação E Da Cultura (Eacea). Nem A União Europeia Nem A Eacea Podem Ser Tidos Como Responsáveis Por Essas Opiniões.

Índice

<u>1. INTRODUÇÃO À INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO.....</u>	<u>5</u>
1.1. GLOBALIZAÇÃO VS. INTERNACIONALIZAÇÃO	5
1.2. TRAZENDO A INTERNACIONALIZAÇÃO PARA "CASA": CONSTRUINDO CONHECIMENTO E ATIVIDADES PRÁTICAS.....	6
1.3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	8
<u>2. PRINCÍPIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO INCLUSIVA</u>	<u>10</u>
2.1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	11
<u>3. DIVERSIDADE DE ESTUDANTES</u>	<u>12</u>
<u>4. COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL</u>	<u>14</u>
4.1. A METÁFORA DO ICEBERG	15
4.2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	16
<u>5. A NECESSIDADE DE INTERNACIONALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....</u>	<u>17</u>
5.1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	19
<u>6. A FORMAÇÃO LOCAL EM PORTUGAL</u>	<u>20</u>
6.1. MÓDULO 1: APRESENTAÇÃO DA FORMAÇÃO	20
6.2. MÓDULO 2: O CONCEITO DE INTERNACIONALIZAÇÃO	21
6.2.1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25
6.3. MÓDULO 3: COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL	26
6.3.1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
6.4. MÓDULO 4: INTERNACIONALIZAÇÃO INCLUSIVA	34
6.4.1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
6.4.2. VÍDEOS UTILIZADOS	37
6.5. MÓDULO 5: INTERNACIONALIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM	37
6.5.1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
6.6. MÓDULO 6: APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS	40
<u>7. NOTA FINAL</u>	<u>42</u>
<u>APRESENTAÇÕES EM POWERPOINT.....</u>	<u>44</u>

BEM VINDO(A) À COMUNIDADE DE FORMADORES DITE!

Este manual insere-se no âmbito do **Resultado 3, do Projeto DITE: Desenho e desenvolvimento dos materiais de formação local.**

Um grupo de formadores/as de professores/as de 4 universidades europeias fizeram um ciclo de formação, com o intuito de compreender como poderiam ser implementados os conteúdos internacionais à formação de professores/as. O passo seguinte foi organizar a formação local para estudantes no âmbito da formação de professores/as, nas suas próprias universidades.

A seguir apresentaremos um resumo do trabalho, **que teve como objetivo apresentar aos/às estudantes os aspetos mais importantes da internacionalização da formação de professores/as.**

No final desta formação era esperado que os/as formadores/as que realizaram o programa DITE fossem capazes de compreender e explicar os aspetos básicos dos seguintes tópicos:

- globalização vs internacionalização;
- as tendências atuais e futuras da internacionalização da educação;
- a importância da internacionalização da educação;
- a importância da internacionalização para a sociedade;
- a importância da internacionalização inclusiva.

Se tiver interesse em saber mais sobre a Internacionalização Diversificada da Formação de Professores/as, por favor consulte o nosso [manual do/a formador/a DITE](#). Este manual dar-lhe-á a possibilidade de aprofundar este tema, e ainda terá oportunidade de contactar com uma série de atividades que poderá utilizar na sua sala de aula.

Małgorzata Kopalska

Coordenadora do projeto DITE
Universidade de Szczecin

1. INTRODUÇÃO À INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

Baseado no manual do/a formador/a DITE: 2. INTERNACIONALIZAÇÃO LOCAL E GLOBAL
Uwe Brandenburg & Marina Casals Sala

❖ Internacionalização

"é o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global nos objetivos, nas práticas (de ensino/aprendizagem e investigação) e administração do ensino superior" Knight (2004)

❖ Internacionalização

"é o processo intencional de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global nos objetivos, funções e administração da educação pós-secundária, no sentido de melhorar a qualidade da educação e da investigação, para todos/as os/as estudantes e pessoal universitário, fazendo uma contribuição significativa para a sociedade" Hans de Wit et al. (2015)

❖ Internacionalização inclusiva

"é um compromisso, validado pelo ato de incluir perspetivas internacionais e comparativas na formação, na investigação e nas atividades realizadas no ensino superior. Este ato molda o ethos e os valores da formação superior, no seu todo" Hudzik (2015)

Questões para discussão:

- Que partes das definições, acima mencionadas, se relacionam com a vossa experiência de internacionalização?
- Com base nestas definições, de que forma podem transmitir a importância da internacionalização aos/às vossos/vossas estudantes, de forma a que eles/elas a possam integrar na sua futura prática letiva?

1.1. Globalização vs. internacionalização

A internacionalização do ensino superior refere-se ao processo de integrar uma dimensão internacional na formação, investigação e outras dimensões de serviço das instituições de ensino pós-secundário. Esta poderá incluir uma variedade de iniciativas tais como: receber estudantes internacionais, promover oportunidades de estudo fora do país e desenvolver parcerias com universidades de outros países.

A globalização, por seu turno, refere-se ao cada vez maior número de conexões e elevado grau de interdependência entre os países e suas economias, culturas e

populações. A globalização é impulsionada pelos avanços na tecnologia e nas comunicações, bem como pela liberalização do comércio e do investimento.

A internacionalização do ensino superior e a globalização estão relacionadas, mas são conceitos distintos. A internacionalização é uma estratégia adotada por instituições do ensino superior para promover uma dimensão internacional, no seu ensino, investigação e outras atividades por si desenvolvidas, enquanto a globalização refere-se à crescente ligação e interdependência dos países e suas economias, culturas e populações.

Questões para discussão:

- Na sua opinião, como é que o conceito de globalização afeta a internacionalização do ensino superior, de uma forma geral?
- Qual o impacto que o conceito de globalização tem no sistema nacional de ensino secundário e superior do seu país?
- Qual o impacto do conceito de globalização na sua área disciplinar?
- De que forma sistematizaria as principais diferenças entre globalização e internacionalização?

6

1.2. Trazendo a internacionalização para “casa”: construindo conhecimento e atividades práticas

❖ Internacionalização em “casa”

“é a integração intencional das dimensões internacionais e interculturais no currículo formal e informal para todos/as os/as estudantes, nos seus processos de ensino e aprendizagem diários” Beelen & Jones (2015)

A melhor forma para conseguirmos introduzir a internacionalização nas nossas sociedades, cidades e escolas do ensino superior, será, talvez, perguntarmos a nós próprios/as: o que é que as instituições de ensino superior fazem em termos de internacionalização? Todas as informações relevantes sobre internacionalização do ensino superior devem ser dadas aos/às participantes. Alguns dos tópicos importantes a incluir são os seguintes:

- O que é que a sua escola faz em termos de internacionalização?
- A sua escola tem uma visão definida em relação à internacionalização? Quais as prioridades relacionadas com essa temática?
- Como é que a internacionalização é comunicada? Como poderemos saber o que está a acontecer nesse âmbito?
- Qual é a imagem de marca da sua escola? Esta está relacionada com a internacionalização?

- Como é que a sua escola se posiciona em relação à internacionalização? Quais os números que exprimem essa relação (número de estudantes em mobilidade, número de estudantes internacionais recebidos, número de projetos internacionais, etc.)?
- Poderá incluir a experiência de um/a ou dois/duas estudantes internacionais (uma apresentação ao vivo ou um vídeo) ou um/a estudante cuja família seja originária de outro país e que possa falar sobre as dificuldades, as diferenças, a integração?
- Quais as oportunidades oferecidas para a mobilidade dos/as estudantes? Existem algumas? Poderiam haver mais?
- Existe algum sistema que permita emparelhar parceiros/as de línguas diferentes para que através da conversação possa haver uma melhoria nas aptidões linguísticas de ambos?
- Existe um programa de mentoria linguística entre pares? Poderia haver um? Seria uma opção interessante?
- Existem associações de estudantes que tratem das questões internacionais?

Dependendo das características dos contextos socioculturais onde este questionário seja utilizado, as questões poderão, sem perder o essencial, ser adaptadas para maior clareza na compreensão.

O debate sobre a internacionalização

É sempre importante começar com o PORQUÊ. Por que é que é importante promover mais a internacionalização no e do ensino superior e até das próprias comunidades? Haverá outras possibilidades? Colocar as interrogações tem de ser uma prioridade pois as respostas terão, certamente, aspetos positivos e aspetos menos positivos (ou mesmo negativos) e não os confrontar será virar as costas à realidade, uma vez que a internacionalização, tal como a vida, também os compreende. É fundamental que, o quanto antes, sejamos capazes de lidar com os preconceitos que circundam a internacionalização, e a forma mais adequada para que tal ocorra é serem os próprios/as estudantes a vivenciá-los, sem uma interferência direta dos/as professores/as.

Divida o grupo em dois: um grupo defender a internacionalização, enquanto o outro apresentará argumentos contra a internacionalização. No debate, os/as estudantes preparam os argumentos no seu próprio grupo e depois apresentam-nos ao outro grupo. De seguida, ouvem os contra-argumentos.

No final da atividade, uma reflexão global da turma ajudará a entender e a debater em conjunto sobre os principais argumentos pró e contra a internacionalização nas nossas escolas e comunidades.

PRÓS	CONTRAS
É importante internacionalizar os/as nossos/as estudantes (para os/as preparar para um mundo mais globalizado)...	É muito caro
Temos uma responsabilidade para com a nossa sociedade e se a sociedade é internacional devíamos...	Porquê aceitar estudantes internacionais que...tiram proveito do sistema, mas não contribuem para ele (não pagam impostos)?
...	...

Quadro 1. Exemplos de argumentos pró e contra a internacionalização

A metáfora do transporte

A metáfora do transporte é uma ferramenta efetiva para a compreensão e discussão da internacionalização nas escolas e nas diferentes regiões. Esta atividade é cativante e interativa, permitindo aos/às participantes expressarem as suas perceções de uma forma criativa e dinâmica. O uso de uma metáfora como um meio de transporte permite aos/às participantes relacionarem-se com o perfil de internacionalização da sua escola e pensar 'fora da caixa' sobre a sua instituição. Esta abordagem tem benefícios tanto para os/as participantes, como para o/a formador/a, uma vez que permite a reflexão conjunta sobre possíveis diferenças nas perceções internas sobre a internacionalização, aferindo-se, assim, a eventual necessidade de ações complementares de esclarecimento e integração. Mais, a metáfora pode ser expandida através do uso de duas imagens, uma representando o atual estado da internacionalização e a outra representando o status desejado para a escola e para a sociedade.

Para esta atividade, por favor, imprima imagens de meios de transporte para que todos/as os/as alunos/as possam encontrar uma que seja significativa para si, e lhes permita explicar a sua visão da sua escola, ou da sua sociedade em relação à internacionalização. Seja criativo/a! Podem ser meios de transporte tradicionais (diferentes tipos de carros, autocarros, comboios, barcos, aviões), mas também balões de ar, cavalos, jangadas, camelos, parapentes, burros, bicicletas, etc.

1.3. Referências bibliográficas

Beelen, J. & Jones, E. (2015). Redefining Internationalisation at Home. In Curaj, A., L. Matei, J. Salmi & P. Scott (eds), The European Higher Education Area. Between critical reflections and future policies. Springer.

DeWit, H., Hunter, F., Howard, L. & Egron-Polak, E., (2015). *Internationalization of higher education*. European Union Parliament Policy Department B: Structural and Cohesion Policies.

[https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2015/540370/IPOL_STU\(2015\)540370_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2015/540370/IPOL_STU(2015)540370_EN.pdf)

Hudzik, J. (2015). *Comprehensive Internationalization. Institutional pathways to success*. Routledge.

Knight, J. (2004). Internationalization Remodeled: Definition, Approaches, and Rationales. *Journal of Studies in International Education*, 8(1), 5-31. <https://doi.org/10.1177/1028315303260832>

2. Princípios da internacionalização inclusiva

Baseado no Manual do/a Formador/a do DITE: 3. INTERNACIONALIZAÇÃO INCLUSIVA
Marcin Wlazło

Igualdade e respeito pelas diferenças são, simultaneamente, os princípios mais gerais da inclusão e os mais importantes. No contexto educativo falamos de **igualdade de acesso à educação e da diversidade de necessidades educacionais de todos/as os/as estudantes**. A equidade no caso de grupos minoritários e grupos mais suscetíveis de tratamento desigual não pode ser apenas uma ideia vazia, é preciso tomar medidas no sentido de igualar o desenvolvimento e as oportunidades educativas. Os princípios da acessibilidade e da participação devem ser aplicados aos regulamentos legais, à estrutura das organizações (incluindo escolas) e à criação de espaços físicos (acessibilidade aos edifícios e transportes).

10

Apesar de muitas das definições e descrições dos princípios da inclusão mostrarem uma clara dominância de assuntos relacionados com as incapacidades dos/as estudantes, focarmo-nos na diversidade humana torna possível ir mais além da observação da diferença de cada caso particular e dos respetivos desafios educacionais. A **internacionalização inclusiva** pode, então, ser vista através da seguinte premissa sobre **educação inclusiva**: a educação inclusiva procura uma mudança no sistema de educação existente, deixando a diferença de ser vista como problema a ser resolvido, para passar a ser celebrada, e proporcionando todo o suporte necessário para que a participação equitativa ocorra (<https://www.allfie.org.uk/about-us/our-principles/>).



Figure 1. Princípios da inclusão. Fonte: compilação própria do autor

Traduzir os princípios da inclusão para a internacionalização da educação e para a formação de professores/as é impossível sem dar uma especial atenção ao **princípio da interseccionalidade**. Este princípio, assume que a total identidade de uma pessoa é

cocriada por diferentes fatores biológicos e culturais que se intercetam. A interseccionalidade foi inicialmente introduzida por estudos feministas e tal ocorreu porque as mulheres negras estavam a experienciar um tratamento injusto, tanto face às mulheres brancas, como homens negros. Esta abordagem foi depois adotada pelos estudos sobre incapacidade, tornando-se, ao mesmo tempo, um importante contexto de pesquisa para muitas disciplinas sociais e um princípio vinculativo na definição de educação inclusiva e educação intercultural.

A interseccionalidade é, então, um elemento essencial para descrever o fenómeno da diversidade humana na educação, considerada sob uma perspetiva intercultural. No livro *Human Diversity in Education: An Intercultural Approach* (Cushner, McClelland, Safford, 2022), (o qual já foi editado muitas vezes), a questão é considerada no quadro da mudança social, cujos aspetos chave são o multiculturalismo e a globalização. As escolas e as salas de aula são referidas como **cruzamentos culturais**. Nos capítulos seguintes, os autores mencionam os fenómenos que se intercetam na escola e na realidade social: raça e etnicidade, nacionalidade e região, língua, pluralismo religioso nas salas de aula laicas, idade e estágio de desenvolvimento, surgimento da diversidade de género e sexual, o binómio capacidade/incapacidade e a dimensão da saúde.

A abordagem interseccional é uma salvaguarda necessária contra os perigos da não compreensão de que a diversidade é, antes de tudo, uma característica do ser humano, como indivíduo. Conjuguar internacionalização com inclusão requer que outras incertezas e resistências, relacionadas com a implementação da inclusão na educação e outros aspetos da vida social, sejam consideradas.

2.1. Referências bibliográficas

Cushner, K., McClelland, A., Safford, P., & Cushner, H. (2022). *Human diversity in education. An Intercultural Approach*. McGraw Hill.

3. Diversidade de estudantes

Baseado no Manual do/a Formador/a DITE 4: INTERNACIONALIZANDO O ENSINO E A APRENDIZAGEM
Anna Basińska

A escola deveria ser um lugar onde todos/as pertencem. O ambiente de trabalho num contexto internacionalizado deve ser inclusivo, uma vez que a diversidade de estudantes pode ser maior do que habitualmente. A diversidade de estudantes pode ser um desafio para o/a professor/a levando-o/a a modificar as estratégias de ensino-aprendizagem, de modo que todos/as os/as estudantes possam beneficiar da aula. A diversidade pode ser uma mais-valia para o processo de ensino-aprendizagem.

12

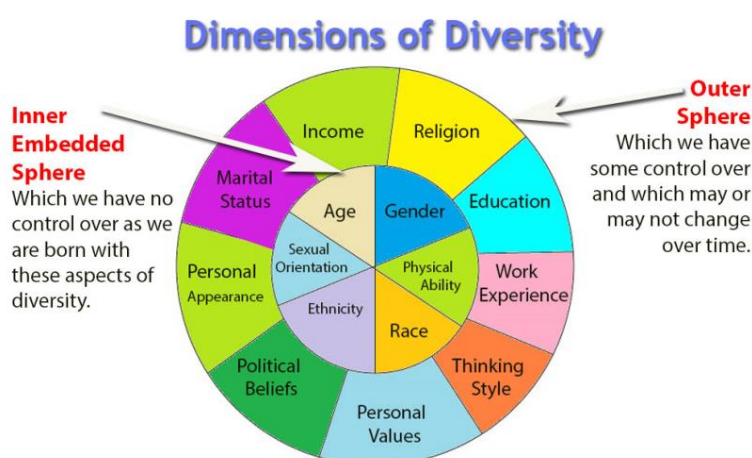


Figura 2. Roda da diversidade. Fonte: <https://www.usydanthology.com/2019/04/12/lodens-wheel-of-diversity/>

Em que aspetos podem os/as estudantes apresentar maior diversidade?

- Diversidade de género: a diversidade de género abrange estudantes que se identificam como sendo homens, mulheres ou não binários. Reconhecer e respeitar as diversas identidades de género e expressões promove um ambiente de aprendizagem seguro e inclusivo.
- Diversidade de capacidades físicas: os/as estudantes poderão ter diferentes capacidades, incapacidades ou necessidades de aprendizagem. As práticas de educação inclusiva têm como objetivo apoiar, providenciar as adaptações e modificações que garantam que todos/as os/as estudantes possam participar e ter sucesso académico e social.
- Diversidade étnica: estudantes de diferentes origens culturais e étnicas trazem perspectivas únicas, tradições e línguas para a sala de aula. Esta diversidade promove uma compreensão intercultural.
- Diversidade de orientação sexual
- Diversidade etária

O círculo exterior inclui todas as características sobre as quais temos algum controlo e que podem mudar, ou ser mudadas, durante a vida de cada pessoa. Algumas das características podem moldar os processos de interação dentro da sala de aula. Uma dessas características é a educação, que se liga com a diversidade linguística dos estudantes. Os estudantes podem apresentar diferentes níveis de competência linguística, ou serem bilíngues ou multilíngues. Esta diversidade apresenta oportunidades para a aprendizagem da língua, e encoraja a admiração por diferentes capacidades linguísticas. Outra característica importante é o rendimento, que está relacionado com a diversidade socioeconómica dos/as estudantes. Diferentes backgrounds socioeconómicos impactam o modo como se tem acesso aos recursos e às experiências de vida. Ter consciência dessas diferenças socioeconómicas e lidar com elas pode ajudar a assegurar igualdade de oportunidades para todos/as os/as estudantes. A neurodiversidade, (que podemos ver no círculo como estilo cognitivo), reconhece e valoriza as variantes naturais nas condições neurológicas e aptidões cognitivas. Estudantes com diferentes estilos de aprendizagem, diferentes níveis de atenção, ou condições neurológicas trazem energias e perspetivas únicas, para o ambiente de aprendizagem.

Questões para discussão:

- Como é que o/a professor/a pode perspetivar a diversidade, de modo a utilizar todo o seu potencial num contexto de aprendizagem internacional?
- Como é que o /a professor/a pode explorar o conhecimento e experiência anteriores dos/as estudantes e que estes/as trazem para o contexto educativo?
- Como poderemos incentivar, simultaneamente, a fala de todos/as e cada um/a dos estudantes e a escuta, pelo/a professor/a, da pluralidade de vozes?

4. Comunicação Intercultural

Baseado no Manual do/a Formador/a DITE: 5. COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL
Anna Linka & Joanna Domagala

Para a compreensão do conceito de comunicação intercultural é importante clarificar as diferenças entre as características culturais do multiculturalismo e as do interculturalismo (ver quadro 2).

MULTICULTURALISMO	INTERCULTURALISMO
Um estado no qual diferentes culturas e grupos nacionais, étnicos, religiosos, etc., vivem num território, o que não quer dizer que tenham relações entre si. Se existem contactos entre eles é, normalmente, por acaso e graças a condições económicas favoráveis...	Um estado no qual diferentes culturas e grupos nacionais, étnicos, religiosos, etc., vivem no mesmo território e mantêm interações abertas, regulares e duradouras entre si, acompanhadas por trocas e respeito mútuo, pelos valores e normas de cada grupo. As pessoas que habitam num ambiente intercultural não se limitam a contactos forçados pelo facto de estarem próximas fisicamente, mas em diferentes áreas elas coexistem e cooperam, tentando resolver tensões e conflitos através da negociação das suas posições.
A integração na esfera pública: a lei protege os indivíduos de serem discriminados.	Integração na esfera privada: interações igualitárias e duradouras na esfera privada protegem os indivíduos de serem discriminados.
As ações ocorrem no sentido descendente (de cima para baixo - institucionais) as iniciativas ocorrem também neste sentido.	As atividades ocorrem no sentido ascendente (de baixo para cima) Atividades: interações interpessoais na esfera privada, tomar iniciativas de baixo para cima.
Estarem próximos/as uns/umas dos/as outros/as.	Estarem juntos/as.
As relações culturais são vistas através do prisma dos grupos e dos seus estatutos. A ideia de um encontro de culturas.	As relações culturais são vistas através do prisma de indivíduos culturalmente diferentes que interagem entre si. O encontro de indivíduos envolve o encontro de culturas.
Permite expressão limitada da identidade cultural, no sentido de evitar conflitos culturais, enfatizando o que é comum aos grupos que habitam numa mesma área (oportunidade de participação da esfera pública: a lei e as instituições determinam os direitos e as obrigações dos/as residentes).	O conflito é visto como um fator inevitável e necessário para o encontro de culturas. Abre-se a este conflito considerando-o como um fator que garante desenvolvimento.
O principal objetivo: esbater e assimilar as diferenças culturais.	As diferenças são tratadas como um fator que ativa o desenvolvimento social, político e económico.
O resultado: segregação cultural	O resultado: integração cultural

14

Quadro 2. Multiculturalismo vs. Interculturalismo. Elaborado a partir de Grzybowski P. (2008), "Educação europeia – od wielokulturowości ku międzykulturowości", Kraków^[4].

No âmbito conceitual que promove o multiculturalismo, a cultura é tratada como um fenómeno relativamente constante, atribuído a grupos sociais (étnicos, nacionais, religiosos). Como resultado, isso leva à separação de grupos numa sociedade

multicultural, e eles funcionam lado a lado, o que leva a que diferentes grupos culturais apenas coexistam indiferentemente numa sociedade multicultural. Pelo contrário, quando existe uma compreensão da cultura como sendo intercultural, esta é considerada enquanto fenómeno dinâmico, criada por indivíduos e grupos no desenrolar da comunicação. Ao viverem numa sociedade multicultural, os indivíduos podem escolher a que cultura vão aderir e a partir da qual vão desenhar os seus comportamentos e modos de resolver problemas. Neste sentido, representantes de diferentes grupos culturais interagem entre si regularmente, e novas qualidades culturais são criadas. Nesta abordagem cultural, todos/as podem fazer parte de um grupo ou minoria cultural. Além disso, áreas da cultura que não foram incluídas até ao momento, foram configuradas na área de interculturalidade.

15

4.1. A metáfora do iceberg

Edward Hall (1976) desenvolveu a analogia iceberg da cultura. Se a cultura de uma sociedade é a ponta do iceberg, Hall refere que existem alguns aspetos que são visíveis à superfície, mas existe uma porção muito maior imersa.

A parte externa, ou consciente da cultura é o que conseguimos ver e é a ponta do iceberg e inclui comportamentos e algumas crenças. A parte interna, ou subconsciente, encontra-se abaixo da superfície de uma sociedade, e inclui algumas crenças e valores e padrões de pensamento, que estão na base dos comportamentos (Hall, 1976).



Figura 3. O iceberg cultural. Fonte: <https://bccie.bc.ca/wp-content/uploads/2020/09/cultural-iceberg.pdf>

Hall sugere que o único modo para aprender a cultura interna dos/as outros/as é através da participação ativa na sua cultura. Quando uma pessoa entra numa cultura nova, apenas os comportamentos mais evidentes são perceptíveis, mas, com mais tempo

nessa cultura, as crenças, os valores e os pensamentos subjacentes que ditam os comportamentos serão revelados.

O que este modelo nos mostra é que não podemos julgar uma nova cultura apenas pelo que vemos quando a encontramos, pelos seus artefactos observáveis. Temos de ter tempo para conhecer as pessoas daquela cultura e interagir com elas. Apenas assim, poderemos descobrir os valores e as crenças que estão subjacentes ao comportamento daquela sociedade (Hall, 1976).

Poderemos designar de cultura à superfície e de cultura profunda, uma vez que os elementos que estão escondidos, os imersos, são em maior número e influenciam o modo como nos comportamos.

16

Questões para discussão:

- O que é que fazer parte de um grupo cultural específico significa para cada um/a de nós?
- Como é que somos influenciados/as e informados/as pelos nossos grupos culturais?
- Como é que vemos as nossas lentes culturais, que manifesta e secretamente, influenciam as nossas normas, comportamentos, premissas e expectativas?

4.2. Referências bibliográficas

Hall, E. T. (1976). *Beyond culture*. New York: Anchor Press/Double day.

5. A necessidade de internacionalização na formação de professores

Baseado no Manual do/a Formador/a DITE: 6. Internacionalização da formação de Professores/as Anna Basińska & Uwe Brandenburg

A **globalização** encolhe o mundo e traz a diversidade cultural e contato intelectual para o quotidiano das pessoas. Assim, experienciamos a migração, a mobilidade, a diversidade cultural e social e os seus impactos e desafios nas salas de aula modernas. Ao mesmo tempo, estamos conscientes que os/as professores veiculam valores e atitudes, implícita e explicitamente, nas suas práticas e discursos, e cada vez mais é crucial que compreendam o mundo globalizado e intercultural de forma a serem capazes de preparar as novas gerações para atuar neste mundo. As instituições que formam professores/as tendem para uma formação centrada na realidade da comunidade local ou nacional. Toda a política formativa e respetiva regulamentação visam o contexto nacional, ignorando que ser professor/a é uma profissão que exige a visão de uma comunidade globalizada e intercultural.

17

Neste sentido, o nível de internacionalização na formação inicial de professores/as vai variar de país para país. Existem países que implementaram um elevado nível de estratégia de internacionalização na formação inicial de professores/as. Por exemplo, nos EUA, especificamente na Flórida, cada candidato/a a professor/a deve ter formação em multilinguismo (estudos pós-graduados, ou um módulo extenso em estudos de ensino), enquanto na Polónia, no processo de formação de professores/as, reflete-se hoje sobre que ferramentas devem ter os/as futuros/as professores/as para poderem lecionar/ensinar/educar estudantes estrangeiros/as (decorrentes do problema colocado pelo enorme número de crianças refugiadas da Ucrânia nas escolas polacas).

A internacionalização não é apenas uma resposta às necessidades dos/as estudantes emigrantes, mas também um valor acrescentado para os/as professores/as e restante pessoal da comunidade escolar, particularmente para os/as estudantes nativos/as e seus pais. Isto leva-nos a contactar com os desafios do mundo moderno, abrindo espaços e oportunidades de aprendizagem.

Um outro **impulsionador** da internacionalização no campo da educação mais alargada é o fator de comparação. Tem havido uma popularidade crescente dos rankings internacionais, da efetividade dos sistemas educativos, baseados em testes para avaliar determinadas competências dos/as estudantes à volta do mundo (ver PISA - *Programme for International Students Assessment*). Cada vez mais, estes resultados estão a ser utilizados pelos/as decisores/as políticos/as como uma referência chave para a

tomada de decisões sobre a educação no seu próprio país. Gostaríamos de mencionar, por exemplo, o fenómeno relacionado com a “tendência” do modelo de educação finlandês (de uma forma simplista: sem classificações, sem trabalhos de casa, sem testes aos/às estudantes), que apareceu depois de um dos estudos de PISA ter demonstrado que os/as estudantes da Finlândia têm os resultados mais elevados comparativamente com os/as outros/as estudantes do mundo.

Kissock & Richardson (2010) reviram vários estudos e extraíram os benefícios de realizar uma mobilidade internacional durante o curso de formação inicial para a docência. Mas, nós sabemos que podemos alcançar o mesmo, ou mais ainda, utilizando a estratégia de internacionalização em “casa”. Abaixo, apresentamos os benefícios de incluir, especificamente, a formação para a internacionalização na formação de futuros/as professores/as de acordo com Kissock & Richardson (2010). As experiências de internacionalização:

- promovem crescimento pessoal, importante para os/as educadores/as, na área da autoestima, independência e crescente consciência da necessidade de conhecer mais sobre os/as outros/as e o mundo;
- ajudam a compreender as diferenças num contexto de diversidade cultural;
- desenvolvem um conhecimento de diferentes modos de ver e refletir sobre as situações;
- mudam as visões, crenças e premissas que os/as estudantes detêm sobre o mundo;
- desenvolvem o sentido de profissionalismo e de entendimento das diferenças culturais;
- ensinam os/as alunos/as a lidar bem com as diversas necessidades da sociedade plural e democrática;
- desenvolvem flexibilidade, abertura e capacidade para promover interdependência intercultural nas salas de aula;
- apoiam a compreensão da natureza mais ampla do ensino como uma profissão global;
- ajudam a entender que as competências e as qualidades básicas de um/a professor/a são universais;
- permitem ganhar confiança no desenvolvimento de dimensões internacionais nos próprios locais de trabalho dos/as estudantes¹.

¹ Craig Kissock & Paula Richardson (2010) Calling for action within the teaching profession: it is time to internationalize teacher education, Teaching Education, 21:1, 89-101, DOI: 10.1080/10476210903467008, p. 7-8.

5.1. Referências bibliográficas

Kissock, C, & Richardson, P. (2010). Calling for action within the teaching profession: it is time to internationalize teacher education. *Teaching Education*, 21(1), 89-101.
<https://doi.org/10.1080/10476210903467008>

6. A formação local em Portugal

Em Portugal, a formação DITE abrangeu 30 estudantes de mestrados em ensino de todas as unidades orgânicas da Universidade do Porto onde se formam professores, nomeadamente, a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (FPCEUP), a Faculdade de Belas Artes (FBAUP), a Faculdade de Ciências (FCUP), a Faculdade de Desporto (FADEUP) e a Faculdade de Letras (FLUP). A equipa de formadores, membros do projeto DITE, foi igualmente composta por investigadores/docentes ligados a estas unidades orgânicas.

20

A formação local contou com três sessões presenciais, distribuídas em 6 módulos, para além de trabalho tutorial em modo remoto, num total de 21h de contato. As sessões presenciais decorreram entre 20 de janeiro e 10 de fevereiro de 2024. O trabalho de sensibilização para a Internacionalização Diversificada da Formação de Professores/as foi estruturado segundo a seguinte organização:

- ✓ Módulo 1: Apresentação da formação
- ✓ Módulo 2: O conceito de internacionalização
- ✓ Módulo 3: Comunicação intercultural
- ✓ Módulo 4: Internacionalização inclusiva
- ✓ Módulo 5: Internacionalização dos processos de ensino e aprendizagem
- ✓ Módulo 6: Apresentação de trabalhos dos estudantes

Todos os/as formadores participaram nos módulos de (1) Apresentação da formação e (6) Apresentação de trabalhos dos estudantes. Os demais módulos foram conduzidos em pares, juntando investigadores/docentes de diferentes unidades orgânicas.

6.1. Módulo 1: Apresentação da formação

O módulo de apresentação da formação tem por finalidade situar os estudantes acerca dos programas de trabalhos, incluindo informação acerca da avaliação. No caso da ação aqui descrita, a avaliação traduziu-se na construção de uma proposta de atividade que promovesse dimensões da internacionalização e da interculturalidade nas práticas pedagógicas em contexto escolar (ver descrição detalhada na seção 6.6).

Este primeiro contato é também importante para construir uma ligação com os/as estudantes, conhecendo um pouco do seu percurso e, em especial, das suas expetativas relativamente à formação. Para tal, os/as formadores/as propuseram uma atividade de quebra-gelo em que cada estudante recebeu duas notas aderentes – uma amarela e outra rosa. A ideia era descrever duas expetativas pessoais, na nota amarela, e outras duas expetativas de carácter académico na nota rosa. Após apontarem as informações, as notas foram trocadas entre pares e, em grande grupo,

cada estudante apresentou as expetativas de um colega. Uma tal dinâmica gera um clima mais descontraído e permite também aferir até que ponto as expetativas vão ao encontro do programa da formação que é apresentado na sequência da atividade. Uma vez discutidas as expetativas, as notas são afixadas num cartaz que fica disposto na sala de aula. A seção de apresentação tem duração de cerca de uma hora.



Cartazes com as expetativas pessoais e académicas

6.2. Módulo 2: O conceito de internacionalização

Sónia Rodrigues (FLUP) e Thiago Freires (FPCEUP)

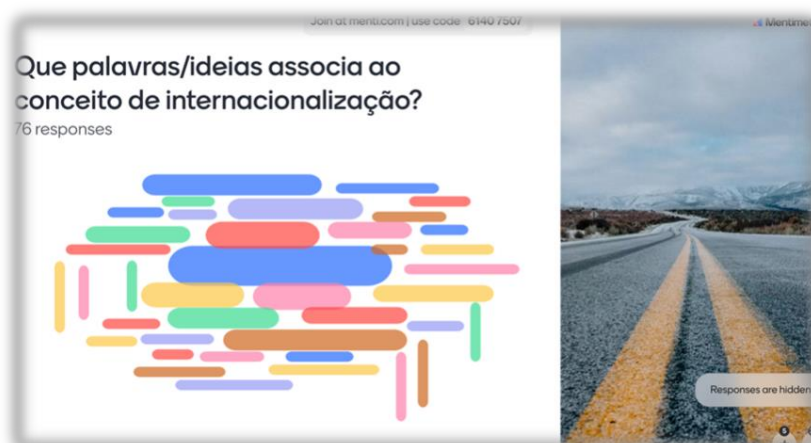
Este módulo abrange a introdução conceitual da ideia de internacionalização, focando-se no enquadramento geral da formação. Corresponde, por isso, ao 2º módulo do roteiro de formação do DITE, seguindo-se ao momento de apresentação de estudantes e formadores. Uma vez concluído, espera-se que os estudantes sejam capazes de:

- Distinguir os conceitos de globalização e de internacionalização;
- Reconhecer as principais tendências, atuais e futuras, no tocante à internacionalização da educação;
- Compreender a importância da internacionalização para a sociedade;
- Fundamentar a importância da internacionalização na educação, nomeadamente, na formação inicial de professores;
- Diferenciar entre a internacionalização (em geral) e a internacionalização em casa;
- Perceber a importância da promoção de uma internacionalização inclusiva.

Atividade 1: Nuvem de palavras

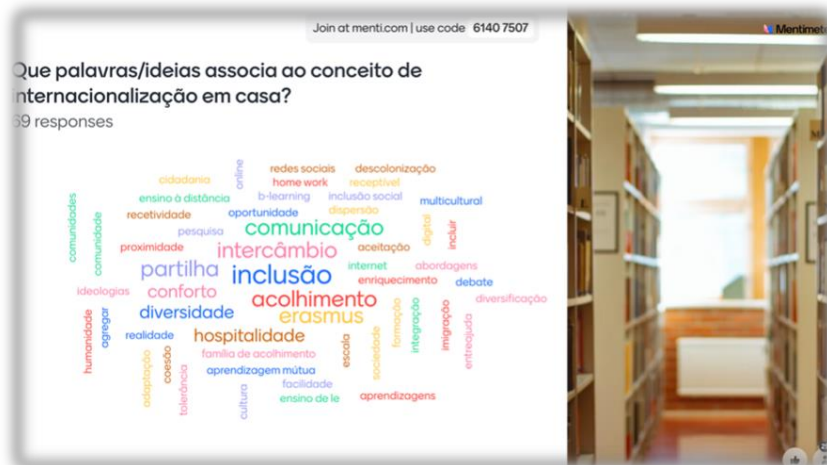
- Previamente, os formadores preparam uma apresentação com recurso à plataforma **mentimeter.com**
- A apresentação consiste em dois diapositivos, em formato nuvem de palavra, que reproduzem as seguintes perguntas respetivamente:

Que palavras/ideias associa ao conceito de internacionalização?



Exemplo de projeção do diapositivo com as respostas em modo oculto

Que palavras/ideias associa ao conceito de internacionalização em casa?



Exemplo de projeção de diapositivo com as respostas em modo visível

- Durante a sessão, os formadores projetam a apresentação. Os estudantes, ao visitarem a plataforma **menti.com**, podem inserir até três palavras/expressões que vinculam aos conceitos abordados. A discussão das respostas é feita após a projeção de cada diapositivo, em grande grupo. **Nota:** é importante que os formadores mantenham as respostas em modo oculto até que todos os formandos insiram as suas respostas (30 min)

Esta atividade representa um primeiro momento de contato formal com os conceitos que sustentam a formação DITE. Ao partir das associações às ideias de “internacionalização” e “internacionalização em casa”, feitas pelos próprios estudantes, os formadores convocam uma participação mais ativa, delineando estas noções a partir de dinâmicas de colaboração. É um momento de debate crucial em que se podem desmistificar algumas ideias comuns – como a mobilidade enquanto único dispositivo de internacionalização, promover a consciencialização das diferenças entre dois conceitos que são demasiado similares e, ainda, convocar exemplos de cada uma das dimensões da internacionalização – a tradicional e aquela realizada em casa. A nuvem de palavras é ainda uma estratégia interessante para demonstrar o conhecimento coletivo que os formandos detêm sobre os conceitos e/ou para corroborar algumas tendências de pensamento quando estes conceitos estão em foco.

Atividade 2: Dinâmica de sala de aula invertida

- **Previamente, os formadores preparam uma grelha de trabalho colaborativo e a hospedam numa nuvem com livre acesso.**
- **Esta grelha contém um conjunto de questões acerca dos temas teóricos a serem explorados na sessão (organizado em linhas) e apresenta uma coluna para cada grupo de trabalho. No caso da formação em foco foram organizados 6 grupos com 5 elementos cada. As questões elaboradas são as seguintes:**

O que significa e como se concretiza a internacionalização no ensino superior?

O que significa e como se concretiza a internacionalização na formação inicial de professores?

O que significa e como se concretiza a internacionalização em casa?

Dos valores associados à internacionalização na formação de professores, quais são os dois que considera mais relevantes?

Na sua opinião, das entidades que influenciam a internacionalização na formação, quais as que exercem uma influência preponderante? Justifique

Qual a diferença entre globalização e internacionalização? Dê exemplos

De que modo as universidades poderão promover a internacionalização da sociedade?

A internacionalização ocorre numa sociedade influenciada por megatendências. Selecione uma das megatendências referidas no diapositivo 11. Em seu entender, de que forma a internacionalização dá resposta à megatendência que selecionou?

- **Previamente à sessão, os formadores preparam, também, uma apresentação contendo informação pertinente para suportar as questões colocadas – o material é**

desenvolvido com base no manual para formadores DITE (ver apêndice 1). Esta apresentação é disponibilizada numa plataforma online de acesso condicionado aos estudantes (padlet.com)

- Durante a sessão, a turma é dividida em grupos e convidada a trabalhar na resposta às questões elaboradas conforme grelha de trabalho colaborativo (30 min)**
- Em grande grupo, os formadores facilitam um debate acerca das questões colocadas, recorrendo à projeção da grelha colaborativa, agora com a resposta dos estudantes, e com suporte, também, a uma apresentação preparada para este efeito (1 hora)**

24

Esta estratégia de sala de aula invertida tem como principal objetivo evitar ao máximo uma dinâmica de aula expositiva, com o monopólio da voz por parte dos formadores, típica de sessões com forte fundamentação teórica. Para a sua operacionalização, é preciso realizar substancial trabalho de preparação. Face aos conceitos a abordar e o seu respetivo enquadramento, com base no manual de formadores DITE, elabora-se uma apresentação com recurso aos principais temas em foco. Adicionalmente, desenvolve-se uma grelha com perguntas centradas nos temas a discutir para guiar os estudantes na exploração dos conceitos/fundamentos. Esta grelha é disponibilizada por meio de recurso de trabalho colaborativo em linha (*google docs*) e projetada durante a sessão, logo a seguir da construção da nuvem de palavras centradas nos conceitos de “internacionalização” e “internacionalização em casa”. Os estudantes são orientados a consultar a apresentação de apoio, sendo esta disponibilizada numa plataforma de acesso restrito, no caso deste grupo, uma página *padlet*. A apresentação sugere outros canais para se explorar os conceitos-chave, inclusivamente, o manual de formadores DITE. São previstos cerca de 30 minutos para que cada grupo possa propor resposta às perguntas sugeridas. Esse volume de tempo demonstrou-se insuficiente na prática, tendo esta fase inicial da atividade ocupado cerca de 45 minutos. Com a grelha projetada, os formadores passam a facilitar então uma síntese das respostas a que os diferentes grupos chegam. O facto de as questões dialogarem diretamente com a realidade dos estudantes – a formação inicial de professores (de que são alvo), as escolas (contextos onde atualmente realizam estágios) e a internacionalização premente da sociedade (o número cada vez maior de estudantes migrantes em contexto da educação formal) proporciona uma conversa animada, com recursos a muitos exemplos sobre os efeitos e impactos da internacionalização no domínio da educação. Pela própria composição da grelha de trabalho colaborativo, parece ter ficado em segundo plano um aprofundamento dos processos de inclusão nos processos de internacionalização. Esta atividade e sua dinâmica encerram o segundo momento de formação, consolidando conceitos que por serem transversais são de elevada importância para a consecução do programa de trabalhos.

Reflexões/Recomendações

A opção por um trabalho pedagógico guiado por práticas centradas nos estudantes é, de facto, exigente a nível do tempo a utilizar. Nesse sentido, a experiência levada a cabo por meio das atividades desenvolvidas no âmbito do 2º módulo da formação deixou patente a necessidade de se gerir melhor esta dimensão. Para cursos com uma disponibilidade de tempo similar a esta da formação ICE, ou seja, cerca de duas horas, é talvez recomendável que se simplifique a primeira atividade, discutindo-se, por exemplo, apenas um dos conceitos propostos – a internacionalização ou a internacionalização em casa. Outra opção seria diminuir a grelha de perguntas propostas na atividade 2, embora pese a relevância dos diferentes temas abordados face ao enquadramento global desta formação. Eventuais cortes de temas na grelha apresentada devem ser compensados com referência aos mesmos no debate aberto em grande grupo. Os ajustes a nível da gestão do tempo não devem ser impeditivos da promoção de um trabalho de participação ativa por parte de estudantes, porém. A forma animada como a discussão resultou é consequência do modo como os estudantes foram envolvidos.

O facto de os estudantes desta formação terem um background distinto relativamente à sua formação de base e, também, ao mestrado que se encontravam a frequentar, foi claramente benéfico e enriquecedor para o debate e as aprendizagens promovidas. Valerá a pena investir num recrutamento que mantenha esta diversidade em atividades semelhantes.

6.2.1. Referências bibliográficas

Knight, J. (2003). Updated definition of internationalization. *International Higher Education*, (33), 2-3.

Koh, A., Pashby, K., Tarc, P. & Yemini, M. (2022). Editorial: Internationalisation in teacher education: discourses, policies, practices. *Teachers and Teaching*, 1-14.
<https://doi.org/10.1080/13540602.2022.2119381>

Low, E. & Lee, S. (2012). Bringing Singapore's teacher education beyond its shores. *Educ Res Policy Prac*, 11, 43-51. <https://doi.org/10.1007/s10671-011-9116-7>

Luke, A. (2004). Teaching after the market: From commodity to cosmopolitan. *Teachers College Record*, 106(7), 1422-1443. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9620.2004.00384.x>

Sieber, P. & Mantel C. (2012). The internationalization of teacher education: An introduction. *Prospects*, 42, 5-17. <https://doi.org/10.1007/s11125-012-9218-x>

6.3. Módulo 3: Comunicação intercultural

Maria João Couto (FLUP) e Paula Silva (FADEUP)

Este módulo compreende a sensibilização para a comunicação intercultural e o desenvolvimento de competências interculturais, necessárias à internacionalização em contexto escolar (3º módulo da formação).

Objetivos e competências:

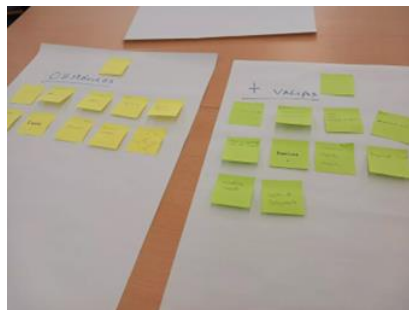
- Reconhecer as diferenças culturais como recursos para a formação de docentes;
- Otimizar o conhecimento da comunicação intercultural para a criação de ações efetivas em contextos educacionais específicos;
- Sensibilização da consciência cultural crítica do Eu e do Outro, numa relação intercultural;
- Desenvolvimento de competências comunicacionais interculturais (tolerância à ambiguidade, empatia, flexibilidade comportamental, curiosidade)
- Pensar e agir com base nas premissas de adaptação e na empatia com o outro, bem como na consciência de que compartilhamos um complexo cultural comum.

26

Atividade 1: Quebra-gelo

Atividade inicial de quebra-gelo, aferindo as ideias iniciais dos formandos sobre comunicação intercultural

Foi solicitado a cada grupo de formandos/as que colocassem num post-it (amarelo) qual seria, no seu entender, o maior obstáculo à comunicação intercultural; num outro post-it (verde) deveria indicar qual a mais-valia. A discussão é promovida após todos/as os/as formandos/as circularem lendo os conteúdos dos diferentes post-it e dinamizada pelas formadoras.



Qual o principal obstáculo à Comunicação Intercultural?

Qual a mais-valia de uma Comunicação Intercultural?

(10 min)

Atividade 2: Aliens



**Como explicariam aos aliens a forma como vivemos?
(4 frases...10 min)**

27

A partir da distribuição dos estudantes em grupos (mantendo sempre a presença de elementos de diferentes áreas científicas dos mestrados em ensino) foi sugerido que redigissem 4 frases que caracterizassem a forma como vivemos a alguém que nada conhecesse deste mundo, ou seja, a um extraterrestre.

Objetivos: problematizar a ideia de cultura que, intuitivamente, possuem.

- Previamente à sessão, os formadores preparam, uma apresentação em ppt (posteriormente disponibilizada aos formandos em padlet (módulo 3), contendo os conceitos principais de suporte às atividades de problematização em grande grupo, permitindo sistematizar as atividades de conceitualização, argumentação e problematização (ver apêndice 2).

Atividade 3: O icebergue da cultura

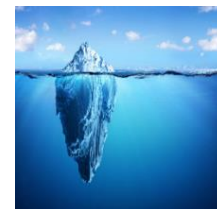
“La ‘cultura’ es ese todo complejo que incluye el conocimiento, las creencias, el arte, la moral, el derecho, las costumbres y cualquier otra habilidad y hábito adquirido por una persona como miembro de una sociedad” (Sapir, citado en Katan, 2004, p. 25).

Quando nos referimos a cultura, frequentemente, associamos a analogia do icebergue, dado que ilustra o facto de grande parte da cultura ser invisível e intangível. Permite igualmente alertar de como os valores e as crenças estão profundamente enraizados. Não devemos esquecer que este icebergue cultural, como qualquer analogia, é limitado. A cultura não é uma “coisa” como esta imagem sugere, e o icebergue é utilizado como forma de ilustrar um conceito, dado que, por exemplo, a imagem do icebergue é estática e fixa, enquanto a cultura é dinâmica e complexa.

Algum Tempo
Para Refletir
Sobre O Que Se

Encontra Na

Parte
Submersa Do
'Icebergue Da
Cultura'...
(15 Min)



28

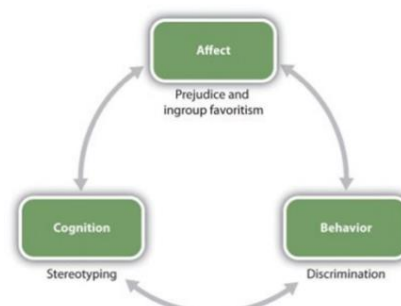
Esta atividade foi desenvolvida com base no Manual para formadores DITE.
Objetivos: problematizar a ideia de cultura que, intuitivamente, possuem.

Atividade 4: Estereótipos e preconceitos

Esta atividade visou o trabalho sobre as relações e distinções entre Multiculturalismo e Interculturalismo, necessária à compreensão e desenvolvimento de competências interculturais.

Começamos por problematizar conceitos como Identidade, alteridade, relação, etc.
Passamos depois para o visionamento de um vídeo
(<https://www.youtube.com/watch?v=6yVMik5Mfwk>) (10 min)

(1) Problematicamos os significados de estereótipo e preconceito:



In social psychology, a stereotype is a fixed, over generalized belief about a particular group or class of people. By stereotyping we infer that a person has a whole range of characteristics and abilities that we assume all members of that group have (McLeod, Saul, 2017)

Uma das principais formas de simplificarmos o nosso mundo social é pela utilização de estereótipos, uma vez que reduzem a quantidade de processamento (ou seja, de pensamento) que temos de fazer quando conhecemos uma nova pessoa. Os estereótipos são uma forma de mapearmos o mundo, tornando-o mais simples por várias razões. No entanto, tornam-se muito perigosos quando se transformam em preconceito (aquilo em que acreditamos) e discriminação (como agimos).

Existem várias perspetivas sobre a forma como os estereótipos são formados, sendo que das principais seriam: (1) etnocentrismo; (2) estereótipos intergeracionais e de educação; (3) meios de comunicação social e redes sociais; (4) falta de contacto com o grupo cultural; (5) interpretação negativa da situação observada, e (6) desenvolvimento mental e emocional inadequado.

29

Com que tipo de estereótipos terei de lidar na minha futura profissão como professor/a?
(10 min)

- (2) Foram apresentadas as diferentes etapas consideradas no designado choque cultural, considerando os diferentes graus que podem expressar e os diferentes fatores que podem influenciar. Quando se abandona o ambiente social familiar para mergulhar em uma nova cultura, poder-se-á vivenciar um choque cultural

Foram discutidas estratégias para poder esbater os problemas das curvas descendentes deste processo, como a curva W deste processo de ajustamento

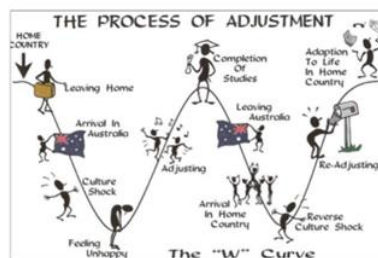


Figure 34. Re-entry shock - curve model. Source: <http://medwaystudents.blogspot.com/2017/10/culture-shock.html>

Que estratégias poderemos adotar para esbater as fases descendentes desta curva no processo de ajustamento a uma nova cultura? (10 min)

Atividade 5: Competências interculturais



Problematização: estará um certo e outro errado? (10 min)

A necessidade de desenvolver uma competência intercultural.

A comunicação intercultural envolve a troca de informações culturais entre dois grupos de pessoas com culturas significativamente diferentes (Gudykunst, 2003).

30

Figura 1. La competencia intercultural de Byram (1997, pp. 51-53) definida en términos de objetivos.



Competências Interculturais

Três vertentes abrangentes da competência intercultural:

Abertura - Respeito pelas outras culturas e tolerância à ambiguidade

Conhecimento - Descoberta de conhecimentos e empatia

Adaptabilidade - Flexibilidade comportamental e consciência comunicativa

Devem ser ponderadas as seis competências interculturais

- (1) Tolerância à ambiguidade - A tolerância à ambiguidade é entendida como a capacidade de aceitar a ambiguidade e a falta de clareza e de ser capaz de lidar com elas de forma construtiva;
- (2) Flexibilidade comportamental - A flexibilidade comportamental é a capacidade de adaptar o próprio comportamento a diferentes exigências e situações;
- (3) Consciência comunicativa - A capacidade, na comunicação intercultural, de estabelecer relações entre expressões linguísticas e conteúdos culturais, de identificar e trabalhar conscientemente com várias convenções comunicativas de parceiros estrangeiros e de modificar correspondentemente as suas próprias formas linguísticas de expressão;

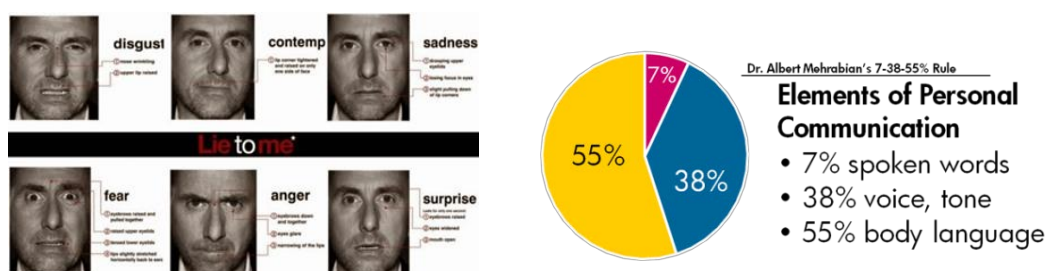
- (4) Descoberta de conhecimentos - A capacidade de adquirir novos conhecimentos sobre uma cultura e práticas culturais e a capacidade de agir utilizando esses conhecimentos, essas atitudes e essas competências sob os constrangimentos da comunicação e da interação em tempo real;
- (5) Respeito pela alteridade – Curiosidade e abertura, disponibilidade para suspender a descrença sobre outras culturas e a crença sobre a sua própria;
- (6) Empatia - A capacidade de compreender intuitivamente o que as outras pessoas pensam e como se sentem em situações concretas. As pessoas empáticas são capazes de lidar adequadamente com os sentimentos, desejos e formas de pensar de outras pessoas.

31

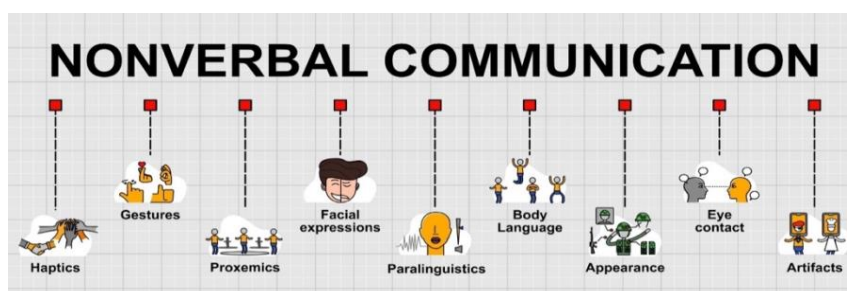
Atividade 6: Comunicação verbal/não verbal

Problematização: Não podemos não comunicar (10 min)

A importância e impacto das diversas formas de comunicar: comunicação verbal e não verbal, sendo realçada nesta a linguagem corporal.



Foi sugerido a formandos/as preencherem os valores percentuais dos seguintes três elementos de comunicação pessoal: (1) palavras faladas, (2) tom e intensidade da voz, e (3) linguagem corporal. A seguir foram apresentados os resultados e discutidos.



Foram dados exemplos dos diferentes significados dados por cada cultura a um determinado gesto ou cumprimento, como:

Podes-Me Abraçar
Middle East Countries
Latin America
Spain, Portugal
India
China
Central Europe, Australia, France
Usa
Japan
Não Me Podes Tocar!

Polegar para cima

O sinal de **aprovação** ou concordância (culturas europeia e americana).

...mas...

em muitos países islâmicos e asiáticos é considerado um **grande insulto**. Na Austrália se o utilizador mover para cima e para baixo transforma o gesto num insulto.



Sinal de OK

O sinal OK, bastante comum na maior parte do mundo anglófono, significando que tudo está a correr bem e de acordo com o planeado.

...mas...

Na América Latina e em França, o gesto é também considerado um insulto; na Austrália, significa "zero"; na Nova Zelândia, o utilizador é basicamente considerado preguiçoso...



O gesto da mão com os dedos mindinho e indicador para cima

Em muitos países europeus é o sinal do **demónio**, enquanto que no hinduísmo e no budismo é um sinal **positivo**.

O sinal é utilizado para indicar um cônjuge **traidor** em Itália, Brasil, Cuba, Espanha e Portugal.

Na Venezuela representa **boa sorte**, futuro promissor, conquista



Terminamos a sessão com o visionamento do vídeo «All that we share», realçando que:

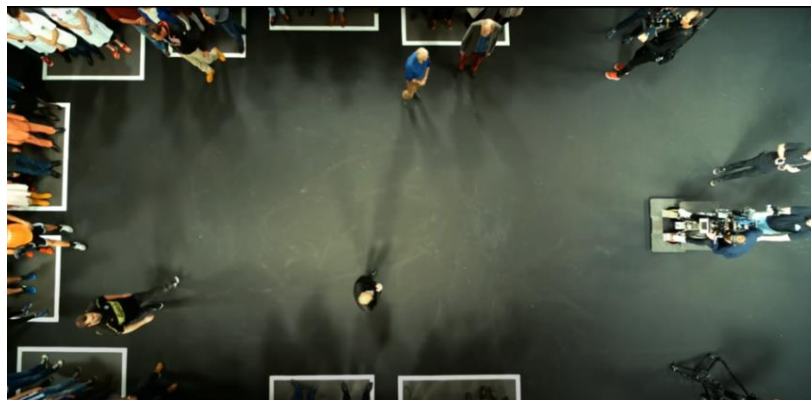
:: O nosso passado intercultural não influencia a forma como comunicamos

:: A comunicação não-verbal é tão importante como a comunicação verbal.

:: A comunicação intercultural não é possível quando as diferenças culturais são enormes.

33

<https://www.youtube.com/watch?v=jD8tjhVO1Tc&t=97s>



Reflexões/Recomendações

As opções metodológicas ativas seguidas nesta formação foram uma mais-valia evidente a nível de pedagógico, revelando-se eficazes na mobilização e implicação dos estudantes e das próprias formadoras, todos com formações científicas distintas. Contudo, tornou-se evidente a necessidade de mais tempo para poder garantir um nível conceptual mais consolidado e aprofundado, adequado a este nível de formação. Se aceitamos que «para ser interculturalmente competente, é essencial esforçar-se para entender o mundo a partir das perspetivas de outras pessoas, para procurar compreender de que modos as culturas se conectam, tornando-se um ponto de partida para uma futura mudança positiva» (MCCARTHY, WHITE e DAVOINE, 2015), temos que despende mais tempo para que os formandos possam, efetivamente, tornar-se interculturalmente competentes. Por outro lado, a diversidade de formação científica, de formadores e formandos, foi potencializada pela variabilidade metodológica seguida, o que nos leva a concluir pelos benefícios inquestionáveis desta ação para a formação inicial de professores.

6.3.1. Referências bibliográficas

Kissock C., Richardson P. (2010) Calling for action within the teaching profession: it is time to internationalize teacher education, *Teaching Education*, 21:1, 89-101, DOI: 10.1080/10476210903467008 <https://doi.org/10.1080/10476210903467008>.

Knight, J. (2003). Updated definition of internationalization. *International Higher Education*, (33), 2-3.

Koh, A., Pashby, K., Tarc, P. & Yemini, M. (2022). Editorial: Internationalisation in teacher education: discourses, policies, practices. *Teachers and Teaching*, 1-14.
<https://doi.org/10.1080/13540602.2022.2119381>

Luke, A. (2004). Teaching after the market: From commodity to cosmopolitan. *Teachers College Record*, 106(7), 1422-1443. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9620.2004.00384.x>

Sieber, P. & Mantel C. (2012). The internationalization of teacher education: An introduction. *Prospects*, 42, 5-17. <https://doi.org/10.1007/s11125-012-9218-x>

UNESCO, Intercultural Competences:conceptual and operational framework, 2013.
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000219768>

6.4. Módulo 4: Internacionalização inclusiva

Clara Vasconcelos (FCUP) e Paula Queirós (FADEUP)

O módulo enquadra-se na formação do projeto DITE (como 3º módulo) e procura satisfazer os seguintes objetivos:

- Explicar o significado de internacionalização na formação de professores;
- Identificar a internacionalização da educação e dos professores como um processo relacionado com a ideia de inclusão;
- Reforçar o papel do reconhecimento da diversidade no processo de inclusão;
- Referir a Educação Inclusiva como Política Social;
- Abordar os conceitos de racismo, ageísmo, classismo, sexismo e capacitismo;
- Discutir os princípios da inclusão: igualdade de oportunidades, equidade, diversidade, acessibilidade e participação;
- Explicar o conceito da abordagem interseccional;
- Discutir o conceito de escola como ponto de encontro intercultural;
- Revisitar estratégias didáticas redesenhando-as para integrarem uma escola inclusiva.

Atividade 1: Exposição interativa

Atividade de exposição oral com participação ativa dos estudantes e apoiada em apresentação PowerPoint, com recurso a pequenos vídeos elucidativos das temáticas apresentadas (40 min).

Os slides da apresentação PowerPoint convidavam os estudantes a participarem na discussão de conceitos e sua clarificação conceitual (ver apêndice 3). A atividade 1 foi intercalada com as atividades práticas 2, 3 e 4.

Atividade 2: Mentimeter e nuvens de palavras

Esta atividade realiza-se no início da sessão e no fim da mesma. Pretende-se que os estudantes acedam ao Mentimeter (um aplicativo usado para criar apresentações com feedback em tempo real e que permite realizar exposições interativas) e respondam à questão “que palavras evocas quando pensas em internacionalização inclusiva” (5 min no início e 5 min no final da sessão).

Esta atividade permite obter uma nuvem de palavras inicial e outra no final da sessão. Estas nuvens podem ser comparadas possibilitando avaliar o potencial educativo através do impacto da sessão na aprendizagem dos estudantes.

Atividade 3: Slogan com logotipos e símbolos

Esta atividade pretende em ambiente colaborativo, que os estudantes discutam conceitos previamente apresentados no powerpoint e que elaborem e apresentem à turma os seus trabalhos (20 min)

- Formar pequenos grupos de 4 a 5 elementos.
- Promover o trabalho colaborativo no grupo solicitando que elaborem um poster elucidativo a um dos conceitos: racismo, ageísmo, classismo, sexismo e capacitismo;
- Cada grupo deve criar um slogan e um logótipo ou símbolo representativo do seu slogan/conceito.
- Fazer a apresentação oral à turma, explicando a criação e conteúdo do poster.
- Pendurar o poster na parede para possibilitar a visualização por um maior período e para acesso de todos os colegas.

Atividade 4: Encenação – Quem vence, o preconceito ou a tolerância?

Esta atividade, realizada sob a forma de 'role play', pretende que os estudantes assumam diferentes e possíveis papéis e se posicionem relativamente à existência de preconceitos ou não, quanto à temática da inclusão e da diversidade (20 min)

1. Criar o cenário: Estudantes de uma escola dividem-se em preconceituosos em relação à inclusão e tolerantes com a diversidade. O mal-estar na escola leva o Diretor a promover um debate entre os estudantes dos dois grupos e um grupo de professores que tentará auxiliar na resolução dos conflitos.

2. Formar os grupos: Dividir os estudantes em dois grupos e que desempenham os respetivos papéis de tolerantes ou preconceituosos; o grupo de professores irá manifestar posições diferentes consoante a identidade de cada um (uns serão mais inclusivos e outros mais preconceituosos).

3 - Atirar a bola: O monitor da sessão inicia a discussão colocando uma questão controversa sobre a inclusão (por exemplo – o tempo despendido nas aulas das disciplinas onde estão integrados alunos surdos é mal aproveitado?). Depois lança a bola (pequena e leve) para um dos grupos de alunos. Depois de um elemento do grupo responder a bola deve ser lançada novamente para o monitor que decide se levanta nova questão ou lança a bola para outro elemento do mesmo grupo, do outro grupo de alunos ou para um elemento do grupo de professores. O monitor deve promover a discussão durante alguns minutos evocando temas diversos sobre as dificuldades existentes em escolas inclusivas

4- Termina a história: a discussão termina quando o monitor decidir que a discussão foi profícua e que vários temas controversos foram abordados e que refletem as posições dos alunos tolerantes, dos preconceituosos e as diferentes posições dos professores.

Reflexões/Recomendações

As sessões desdobraram-se nas componentes teórica, prática e teórico-prática recorrendo-se à diversidade metodológica e ao pluralismo estratégico. A sessão proporcionou esclarecimento de alguns conceitos relacionados à internacionalização inclusiva e debateu questões que dificultam a promoção do desenvolvimento de escolas inclusivas. A exibição de vídeos curtos e atividades práticas auxiliou os estudantes a refletirem sobre as suas aprendizagens e a contextualizarem-se no seu ambiente profissional - as escolas básicas e secundárias. As sessões possibilitaram que os alunos desenvolvessem o trabalho colaborativo, o pensamento crítico e a resolução de problemas. Além disso, foram exploradas a imaginação e a criatividade na elaboração de posters, slogans, símbolos e logotipos, bem como em questões e

respostas durante simulações de discussões sobre princípios de inclusão. Permitiu-se que os estudantes refletissem sobre a integração da temática da inclusão na formação inicial e contínua de professores, bem como sobre o seu papel em escolas inclusivas como agentes de uma sociedade que reconhece e valoriza a diversidade, promovendo igualdade de oportunidades e equidade na educação.

6.4.1. Referências bibliográficas

Belen, J. & Jones, E. (2015). Redefining Internationalisation at Home. In Curaj, A., L. Matei, J. Salmi & P. Scott (eds), The European Higher Education Area. Between critical reflections and future policies. Springer.

37

Deardorff, D. (2006). Identification and Assessment of Intercultural Competence as a Student Outcome of Internationalisation. Journal of Studies in International Education, 10(3), 241-366.

6.4.2. Vídeos utilizados

<https://www.youtube.com/watch?v=JnkDallXBoE&t=2s>
<https://www.youtube.com/watch?v=KCm8zZbFEs&t=27s>
<https://www.youtube.com/watch?v=QRZPw-9sJtQ&t=9s>
<https://www.youtube.com/watch?v=gniErZlyzbA&t=3s>
https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4
<https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=vx3EilEm1XQ>
<https://www.youtube.com/watch?v=xXMeFgijWmQ>
<https://www.youtube.com/watch?v=JRci2V8PxW4>
https://www.youtube.com/watch?v=R2L_UVPWeAA&t=9s
https://www.youtube.com/watch?v=noaxoDN_AfA
<https://www.youtube.com/watch?v=W9GWZSv-4lo>

6.5. Módulo 5: Internacionalização dos processos de ensino e aprendizagem

Henrique Vaz (FPCEUP) e Rosa Tomás Ferreira (FCUP)

O módulo enquadra-se no roteiro de formação do DITE (como 5º e último módulo) e procura identificar a satisfação de um conjunto de objetivos:

- Identificar desafios e oportunidades de ensino e aprendizagem na sala de aula internacional;
- Explicar o processo de internacionalização do currículo;
- Selecionar métodos de ensino adequados que apoiem uma aprendizagem

internacionalizada;

- Refletir sobre a própria disposição para/atitude relativa à internacionalização do ensino-aprendizagem.

Atividade 1: Atividade dos cartões

- Cada pessoa recebe um cartão com uma frase iniciada: como a completaria? (1 min)
- Juntem-se às pessoas com o mesmo cartão, comparem ideias e encontrem uma forma global de completar a frase, integrando as diferentes perspetivas (10 min)

A atividade insere-se no conjunto de desafios que se colocam ao ensino e aprendizagem numa sala de aula internacional, desafios nos quais se destacam a língua, a cultura e a diversidade.

38

O exercício potencia um primeiro momento de reflexão coletiva a partir dos posicionamentos pessoais, elencando a relevância destas dimensões no trabalho docente. Abre espaço, por outro lado, a uma dinâmica de trabalho participada e dialogada (extensível aos exercícios seguintes).

Atividade 2: Estratégias (nos desafios relacionados com a língua)

- Fazer 5 grupos
- Escrever em post-its 3 estratégias que estejam dispostos a implementar nas vossas salas de aula internacionais (10 min)
- Situar as estratégias no gráfico (10 min)

A atividade desenvolve-se na sequência da abordagem dos possíveis constrangimentos da língua na realização das aulas. Face a um conjunto de estratégias pré-definidas, solicita-se ao grupo que identifique aquelas que considera mais relevantes para implementar nas situações de aula.

Num segundo momento, esboça-se no quadro branco um gráfico (que relaciona os ganhos para os estudantes em função do investimento do professor nas estratégias escolhidas) que permita situar os contributos de cada grupo e, posteriormente, perceber as estratégias dominantes para o grupo-turma.

A partir destes resultados, abre-se um debate a toda a turma.

Atividade 3: Um debate sobre a internacionalização

- Organizam-se 5 equipas de 6 pessoas (há 5 questões para discussão)
- Pense individualmente sobre ideias que lhe venham à cabeça. Escreva-as (3 min)
- Vá para a mesa do seu grupo, partilhe ideias e escreva-as no poster (10 min)

- Escolha uma pessoa do grupo para ser o guarda do poster
- O guarda do poster permanece na mesa e os outros membros do grupo movem-se para a mesa seguinte (1 min)
- Os guardas do poster apresentam brevemente as ideias do poster às novas pessoas (1 min)
- As novas pessoas acrescentam mais algumas ideias e escrevem-nas no poster (3 min)
- Repita as etapas 5, 6 e 7 mais três vezes e retorne ao seu grupo original (onde está o seu guarda do poster)
- O guarda do poster apresenta brevemente as ideias recolhidas aos membros do seu grupo (3 min)
- Pendure o poster na parede; cada pessoa pega em três post-it e cola-os junto das 3 ideias de que mais gosta e que é capaz de introduzir/conduzir/usar na sua sala de aula brevemente (3 min)

39

Após a organização dos grupos, distribuem-se aleatoriamente as seguintes questões pelos grupos:

- 1 - Como podemos enriquecer as experiências internacionais/interculturais dos(as) nossos(as) estudantes? (tanto oportunidades formais como informais)
- 2 - Como podemos apoiar a compreensão da língua e dos materiais de instrução? (tanto na aula doméstica em que usamos o português como na aula internacional em que usamos uma mistura da nossa língua nativa e do inglês)
- 3 - Como podemos promover as competências globais na nossa aula? (Que estratégias e ensino podemos usar?)
- 4 - Como podemos envolver TODOS os(as) estudantes nas atividades de aprendizagem? (que estratégias de ensino e de aprendizagem devemos escolher?)
- 5 - Como podemos usar tecnologia para internacionalizar o ensino e a aprendizagem dos estudantes? (pense em pequenas e grandes ideias do mesmo modo)

A sessão é muito dinâmica e assegura que, embora cada grupo se tenha debruçado sobre uma dinâmica específica, a rotatividade dos grupos leva a que todos se pronunciem sobre as cinco questões.

É um exercício final que visa, de certo modo, a construção de uma prática a partir dos contributos de todos os módulos de formação. Antecede, por outro lado, o último módulo da formação, que se reporta à elaboração de propostas de (projetos) de intervenção suscitados pelos próprios grupos de formandos.

A discussão final, a partir da exposição das sugestões apresentadas no âmbito de cada questão, permite ainda perceber aquelas que mais se destacam (para detalhes sobre a organização da sessão, ver apêndice 4).

Reflexões/Recomendações

O ritmo da sessão, particularmente a partir das atividades desenvolvidas, teve como efeito obstaculizar um maior desenvolvimento conceptual das questões que o módulo aprecia. As atividades são, certamente, muito relevantes para criar um nível de participação elevado, mas deixam em aberto a questão de que o módulo requeria certamente uma outra sessão para poder ser plenamente explorado e objeto de reflexão.

40

Uma mais-valia incontornável que parece destacar-se no desenvolvimento desta formação (não exclusiva deste módulo) é, inegavelmente, a mobilização de estudantes, futuros(as) professores(as) de áreas disciplinares distintas. Tornou-se claro, nesta formação, o privilégio atribuído a um 'racional' da formação de professores(as) que transcende a especificidade das áreas disciplinares, embora não as oculte.

Por último, pela importância das problemáticas que esta formação suscita, torna-se importante considerar o seu carácter estruturante, quer na formação inicial, quer na formação contínua de professores(as).

6.5.1. Referências bibliográficas

Beelen, J. & Jones, E. (2015). Redefining Internationalisation at Home. In Curaj, A., L. Matei, J. Salmi & P. Scott (eds), The European Higher Education Area. Between critical reflections and future policies. Springer.

Deardorff, D. (2006). Identification and Assessment of Intercultural Competence as a Student Outcome of Internationalisation. Journal of Studies in International Education, 10(3), 241-366.

Kalantzis, Mary & Cope, Bill (2005). Learning by Design. Altona: Common Ground Publishing Pty Ltd.

Leask, B. (2015). Internationalising the Curriculum. Internationalisation in Higher Education Series. Routledge.

6.6. Módulo 6: Apresentação de trabalhos

O último módulo da formação é dedicado à apresentação de trabalhos desenvolvidos pelos/as estudantes. No caso desta edição, os/as estudantes foram convidados/as a conceber uma proposta de **atividade** que promovesse dimensões da internacionalização e da interculturalidade nas práticas pedagógicas em contexto escolar. Nesse sentido, receberam as seguintes orientações:

- ✓ Realizar o trabalho em grupo (6 grupos - 5 estudantes);
- ✓ Grupos a serem formados com atenção à diversidade do mestrado de origem;
- ✓ Elaboração de um poster (em formato digital) com a explicitação da proposta;

Portanto, esta última sessão de formação teve a sua totalidade dedicada à apresentação de trabalhos. Os/as estudantes poderiam apenas apresentar o poster, ou dinamizar a atividade planeada, para além da explicitação da proposta através do poster.

41

O tempo de apresentação destinado a cada grupo ficou dependente da modalidade de apresentação:

- Dinâmica + apresentação do poster: 25 min (máx.)
- Apresentação do poster: 15 min (máx.)

No caso dos grupos que pretenderam realizar uma dinâmica de implementação da sua atividade, foi sugerido que este fosse o foco da sua apresentação, dispondo de cerca de 20 minutos para realizar a atividade. Num momento final, estes grupos apresentavam então, de forma sucinta, o seu poster, dispondo de cerca de 5 minutos. Para os grupos que não pretenderam implementar a atividade durante a sessão, puderam dispor de 15 minutos para apresentar o seu poster, elucidando a proposta de atividade que idealizaram.

A equipa forneceu um *template* (ver apêndice 5) com orientações para a formulação do poster. Este modelo não tinha carácter obrigatório e servia apenas para referência.

7. Nota final

A formação inicial de professores, em Portugal, enfrenta atualmente grandes desafios, face às transformações científicas, sociais e económicas que afetam a profissão docente, em todas as suas áreas de especialização. Nas últimas décadas, os cursos vocacionados para a docência foram perdendo, progressivamente, candidatos o que, em algumas áreas, contribuiu para um decréscimo acentuado do número de professores formados. Constituindo um grupo profissional com um elevado índice de envelhecimento, o número de professores formados não tem sido suficiente para substituir os professores que se aposentam, com graves consequências para a educação das nossas crianças e jovens. Sendo os motivos desta situação muito complexos e multifatoriais, têm nas condições da atividade profissional dos professores uma das principais razões de não atratividade da profissão, para aqueles que no final do 12º ano de escolaridade optam por um projeto de vida profissional.

42

O alargamento da escolaridade obrigatória até aos 18 anos de idade e o consequente aumento da diversidade cultural, a par da intensificação da globalização e dos fenómenos crescentes de integração de comunidades migrantes, torna urgente a consideração da internacionalização «em casa» como dimensão curricular incontornável na formação inicial de professores. Entre outros fatores, as dificuldades em ensinar em contextos cada vez mais diversos em termos culturais dão origem a situações de maior conflitualidade na relação educativa e de aumento do insucesso escolar, que prejudicam a imagem social da profissão, diminuindo a sua atratividade nas novas gerações.

A par das transformações nas condições de ensino e de aprendizagem na educação escolar, também a formação no ensino superior se encontra em processo de transformação que considera a importância de se instituírem parcerias interinstitucionais em contexto nacional e internacional com particular incidência nas demandas que se colocam à formação inicial de professores.

O projeto DITE procura promover a consciência crítica sobre a importância da internacionalização da formação inicial de professores, com um enfoque na internacionalização «em casa», constituindo uma rede de instituições de ensino superior, de institutos de formação e investigação, de formadores e investigadores, produzindo resultados de investigação e materiais de formação, quer para docentes do ensino superior que formam professores, quer para estudantes, futuros professores.

Este manual sistematiza os materiais elaborados e os processos de formação realizados numa unidade de formação contínua dinamizada na Universidade do Porto por docentes das faculdades envolvidas no projeto DITE, para estudantes de 2º ciclo em ensino da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Faculdade de Belas Artes, da Faculdade de Ciências, da Faculdade de Desporto e da Faculdade de Letras. Fundamentando-se na formação que estes professores realizaram previamente no contexto do projeto DITE, o desenvolvimento da unidade de formação contínua considerou as especificidades dos estudantes e do seu contexto formativo, promovendo dinâmicas participativas e de trabalho de projeto. Sem pretensão a considerar estes processos e materiais inteiramente replicáveis, considera-se, no entanto, que constituem um referencial significativo para novas situações de formação, constituindo também um dispositivo promotor de uma reflexão indutora de reconfigurações curriculares, na formação inicial de professores.

Fátima Pereira

Coordenadora do Projeto DITE na Universidade do Porto

APRESENTAÇÕES EM POWERPOINT

Apêndice 1



U.PORTO

DITE DIVER/E
INTERNATIONALISATION
OF TEACHER EDUCATION

 Co-funded by
the European Union

**Internacionalização em Contexto Escolar: Potenciar a
Diversidade e Internacionalização na Formação de Professores**

Módulo 2 – Internacionalização da educação

Sónia Rodrigues & Thiago Freires

1



DITE DIVER/E
INTERNATIONALISATION
OF TEACHER EDUCATION

menti.com



U.PORTO  Co-funded by
the European Union

2

Internacionalização do Ensino Superior



A internacionalização do ensino superior refere-se ao processo de integração de uma dimensão internacional nas funções de ensino, investigação e serviços das instituições de ensino pós-secundário. Pode, por isso, incluir uma variedade de iniciativas, como o acolhimento de estudantes internacionais, a promoção de oportunidades de estudo no estrangeiro e o fomento de parcerias com universidades de outros países.

Internacionalização da formação inicial de professores



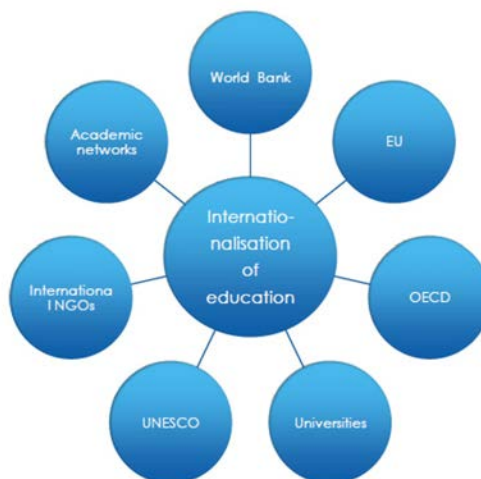
- A internacionalização da formação de professores pode ser compreendida como “uma subárea da formação” (Koh et al., 2022, p. 3);
- Abrange “o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global no propósito, nas funções ou na oferta da educação pós-secundária” (Knight, 2003, p. 2);
- Pode ser considerada como uma resposta ou como um agente de globalização.

“(…) teaching as cosmopolitan work and profession in critical and economic relation to flows, contexts and consequences of cultural and economic globalisation” (Luke, 2004, p. 1429)

Valores que sustentam a internacionalização da formação de professores (investigação DITE)



Influências globais na internacionalização da formação



Da implementação de ideias internacionais nos sistemas educativos nacionais



Quando novas ideias, princípios, políticas e práticas educativas (nomeadamente, aquelas promovidas pela globalização) são transferidas de um contexto para outro, elas sofrem resistência, são apoiadas, modificadas e apropriadas à medida que são implementadas no contexto recetor” (Sieber & Mantel, 2012);

A internacionalização do ensino superior é um processo complexo, funcionando como uma arena de conflito onde ocorrem relações de poder entre os provedores e os implementadores (Sieber & Mantel, 2012);

Não é incomum que a transferência educacional se traduza no empréstimo proposital de ideias ou práticas internacionais devido à sua reputação internacional (Low & Lee, 2012);

A forma mais comum de internacionalização da educação decorre através das influentes teorias e métodos de educação desenvolvidos por educadores de grande prestígio, por exemplo, Dewey, Pestalozzi ou Piaget (Low & Lee, 2012).

Internacionalização vs. Globalização

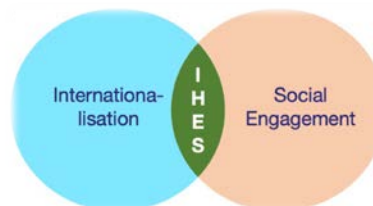
A globalização refere-se à crescente interconectividade e interdependência dos países e das suas economias, culturas e populações. É impulsionada pelos avanços na tecnologia e nas comunicações, bem como pela liberalização do comércio e do investimento;

A internacionalização é uma estratégia adotada pelas instituições de ensino pós-secundário para promover uma dimensão internacional nas suas funções de ensino, investigação e serviços.

Internacionalização para a sociedade



A internacionalização do Ensino Superior para a Sociedade (IHES) visa explicitamente beneficiar a comunidade em geral, no país ou no estrangeiro, através da educação, investigação, serviço e envolvimento internacional ou intercultural (Brandenburg, de Wit, Jones & Leask, 2019).

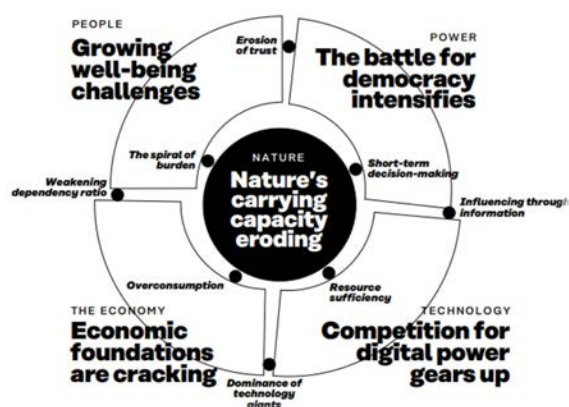


Venn diagram. Internationalisation & Social Engagement.
Fonte: Global Impact Institute, 2022

Megatendências (*megatrends*) como enquadramento para tendências globais

A maior parte dos desenvolvimentos globais no que concerne a internacionalização do ensino superior responde ao que se entende por *megatendências*

Megatendências (*megatrends*) como enquadramento para tendências globais



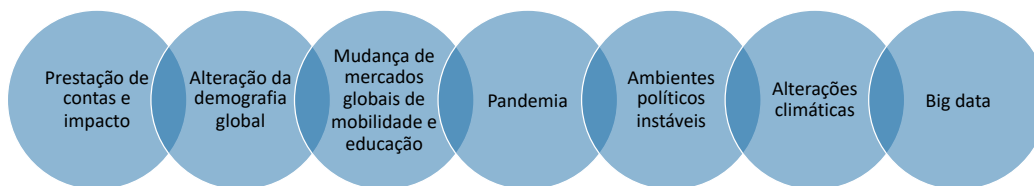
11

Para refletir ...

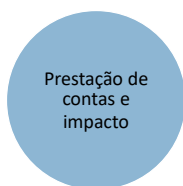
Quais megatendências podem
ser abordadas pelas tendências
de internacionalização do ensino
superior?

12

Tendências globais com relevância para o futuro



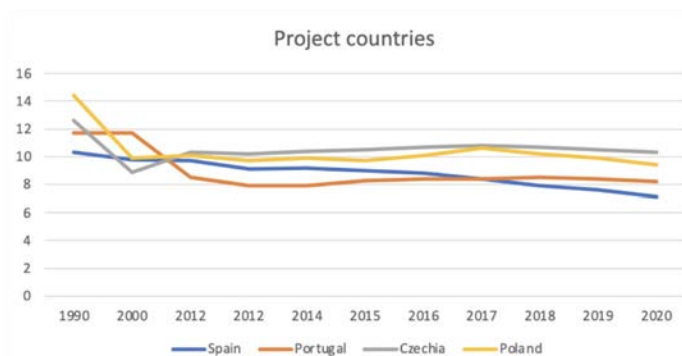
Tendências globais com relevância para o futuro



- Exigência de transparência da aplicação de fundos;
- Provisão de indicadores qualitativos e quantitativos para a avaliação de impacto;
- Foco nos resultados da internacionalização com base nos seus efeitos (mudanças, melhorias atingidas).

Tendências globais com relevância para o futuro

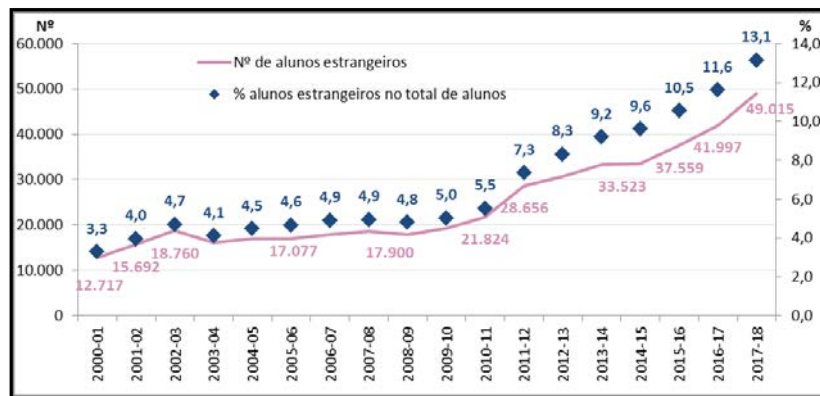
Alteração da
demografia
global



Taxa de natalidade nos países do projeto
Fonte: World Bank 2022, Analysis & Graphics: Global Impact Institute 2022

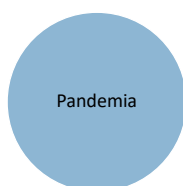
Tendências globais com relevância para o futuro

Mudança de
mercados
globais de
mobilidade e
educação



Número de alunos estrangeiros inscritos no Ensino Superior em Portugal, e percentagem de alunos estrangeiros no total de alunos, entre os anos letivos de 2000/2001 e 2017/2018
Fonte: Observatório das Migrações

Tendências globais com relevância para o futuro



- Perda de ritmo no movimento de internacionalização;
- Adequação nos formatos de oferta da formação (cursos virtuais);
- Promoção da internacionalização em casa.

Tendências globais com relevância para o futuro



Fonte: The New Yorker



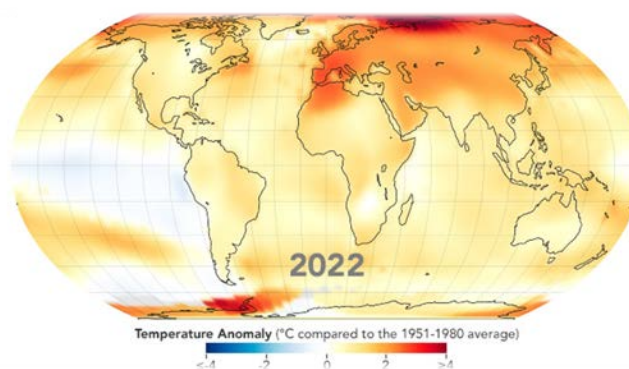
Fonte: Aljazeera



Fonte: G1

Tendências globais com relevância para o futuro

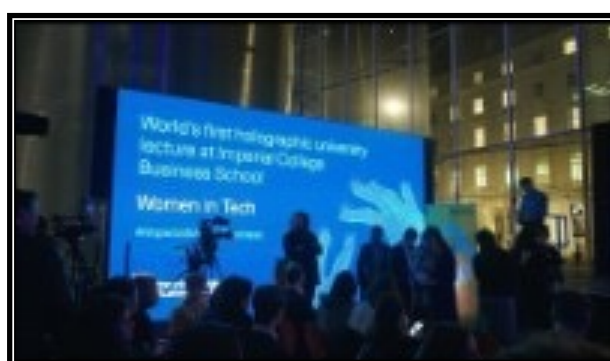
Alterações
climáticas



Anomalias globais da temperatura em 2022
Fonte: <https://earthobservatory.nasa.gov/world-of-change/global-temperatures>

Tendências globais com relevância para o futuro

Big data



Para refletir ...

*Alguma vez sentiu a influência de
alguma destas tendências na sua
atividade profissional?*

*Identifica alguma outra tendência
que considera relevante?*

21

Internacionalização em casa

- • • • A internacionalização em casa implica "a integração intencional de dimensões internacionais e interculturais no currículo formal e informal de todos os estudantes, em ambientes de aprendizagem locais." (Beelen & Jones, 2015);
- • • • Tem o potencial de melhorar a preparação de estudantes para um mundo globalizado, dotando-os de competências transversais (e.g., abertura e tolerância) (Beelen & Leask, 2011);
- • • • Promove o desenvolvimento da compreensão internacional/global e de competências interculturais (Wächter, 2016);

22

Referências e
outros materiais
estão disponíveis
no site do
projeto>>

Obrigado/a!



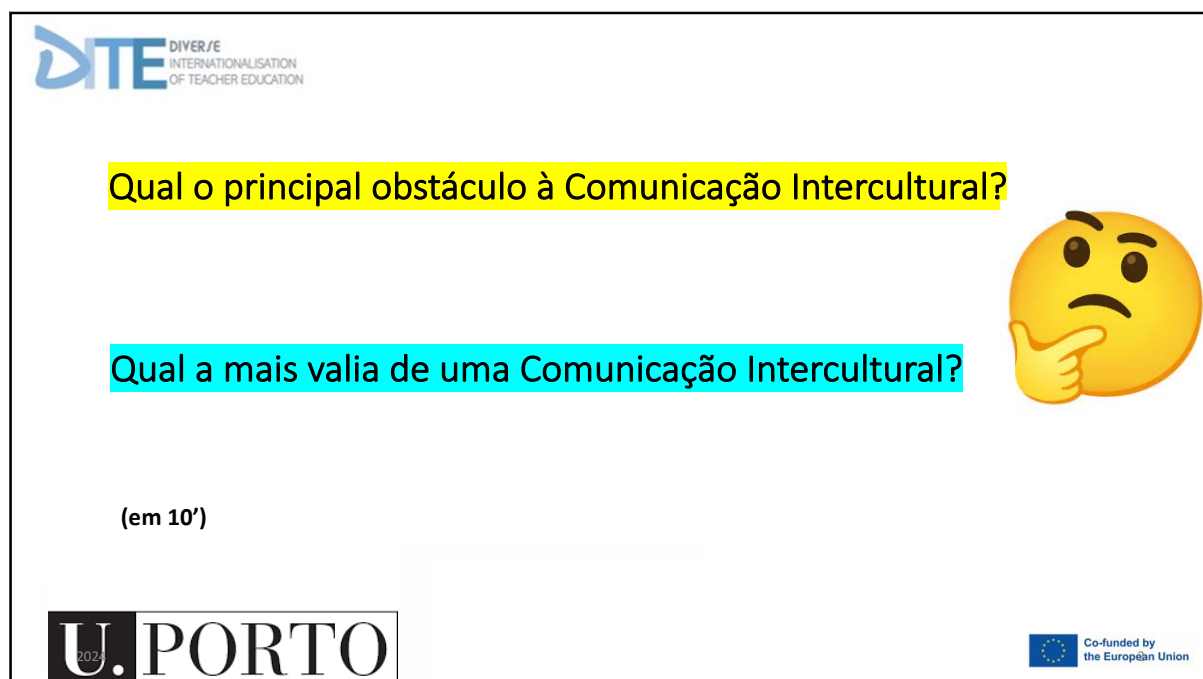
Co-funded by
the European Union



Apêndice 2



1



2

Inter...

CULTURA

Sentido restrito.....sentido mais lato

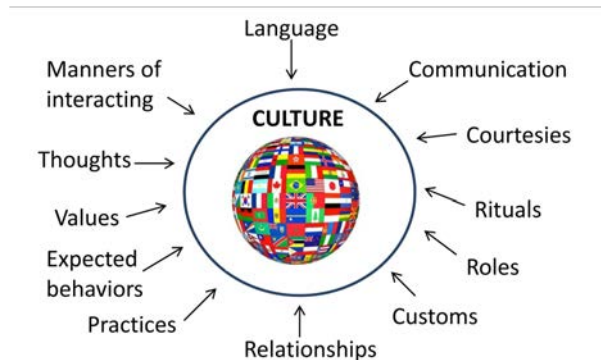
conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos como membro de uma sociedade...

elementos que compõem uma cultura são compartilhados pelos membros da sociedade, criando-se, assim, uma identidade cultural

...that culture is not a material phenomenon; it does not consist of things, people, behavior, or emotions. It is rather an organization of these things. It is the forms of things that people have in mind, their models for perceiving, relating, and otherwise interpreting them.

(Goodenough, citado en Nord, 1997, pp. 23-24).

•



La “cultura” es ese todo complejo que incluye el conocimiento, las creencias, el arte, la moral, el derecho, las costumbres y cualquier otra habilidad y hábito adquirido por una persona como miembro de una sociedad

(Sapir, citado en Katan, 2004, p. 25)

DITE DIVER/E
INTERNATIONALISATION
OF TEACHER EDUCATION

U. PORTO

Co-funded by
the European Union

5

DITE DIVER/E
INTERNATIONALISATION
OF TEACHER EDUCATION

Como lhes explicariam a forma como vivemos?

(4 frases...10'...)

U. PORTO

Co-funded by
the European Union

6

CULTURA

Icebergue



U. PORTO

7

THE CULTURAL ICEBERG

SURFACE CULTURE

Food
Flags Festivals
Fashion Holidays Music
Performances Dances Games
Arts & Crafts Literature Language

The iceberg analogy of culture is highly referenced as it illustrates how much of **culture is invisible and intangible**. It also demonstrates that **values and beliefs are deeply set**. Please keep in mind that the cultural iceberg, like any analogy, is limited. For example, the image of the **iceberg is static and fixed, while culture is dynamic and complex**. Culture is not a 'thing' as this image suggests, and the iceberg is used as a means of illustrating a concept.

U. PORTO

8

Algun tempo
para refletir
sobre o que se
encontra na
parte
submersa do
'Icebergue da
cultura'...
(15')



- | | |
|--|--------------------------------------|
| 1. Vestuário | 15. Gastronomia |
| 2. Modos de cumprimentar | 16. Expressões faciais e gestos |
| 3. Hospitalidade | 17. Ética do trabalho |
| 4. Pintura | 18. Crenças religiosas |
| 5. Importância do tempo | 19. Conceito de beleza |
| 6. Valores | 20. Regras de comportamento adequado |
| 7. Literatura | 21. Atitudes em relação à idade |
| 8. Educação de crianças | 22. Papel da família |
| 9. Atitudes acerca do espaço privado/pessoal | 23. ... |
| 10. Responsabilidades de crianças e jovens | |
| 11. Costumes de férias | |
| 12. Música | |
| 13. Celebrações | |
| 14. Conceito de justiça | |

DEEP CULTURE

Communications Styles and Rules:

- Facial Expressions
- Gestures
- Eye Contact
- Personal Space
- Touching
- Body Language
- Conversational Patterns in Different Social Situations
- Handling and Displaying of Emotion
- Tone of Voice

Notions of:

- Courtesy and Manners
- Friendship
- Leadership
- Cleanliness
- Modesty
- Beauty

Concepts of:

- Self
- Time
- Past and Future
- Fairness and Justice
- Roles related to Age, Sex, Class, Family, etc.

Attitudes toward:

- Elders
- Adolescents
- Dependents
- Rule
- Expectations
- Work
- Authority
- Cooperation vs. Competition
- Relationships with Animals
- Age
- Sin
- Death

Approaches to:

- Religion
- Courtship
- Marriage
- Raising Children
- Decision-Making
- Problem Solving

<https://bccie.bc.ca/wp-content/uploads/2020/09/cultural-iceberg.pdf>

Co-funded by the European Union

11

Internal

Implicitly Learned

Unconscious

Difficult to Change

Subjective Knowledge

versus

External

Explicitly Learned

Conscious

Easily Changed

Objective Knowledge

Behavior

Beliefs

Values & Thought Patterns

Co-funded by the European Union

12

1. Vestuário
2. Modos de cumprimentar
3. Hospitalidade
4. Pintura
5. Importância do tempo
6. Valores
7. Literatura
8. Educação de crianças
9. Atitudes acerca do espaço privado/pessoal
10. Responsabilidades de crianças e jovens
11. Costumes de férias
12. Música
13. Celebrações
14. Conceito de justiça
15. Gastronomia
16. Expressões faciais e gestos
17. Ética do trabalho
18. Crenças religiosas
19. Conceito de beleza
20. Regras de comportamento adequado
21. Atitudes em relação à idade
22. Papel da família
23. ...



definir **cultura** podem ser divididas em 10 seções básicas.....

A comunicação intercultural envolve a troca de informações culturais entre dois grupos de pessoas com culturas consideravelmente diferentes

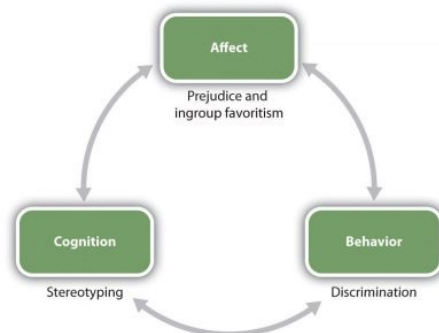
Multiculturalismo

Interculturalismo

<https://www.youtube.com/watch?v=6yVMik5Mfwk>

17

In social psychology, a stereotype is a fixed, over generalized belief about a particular group or class of people. By stereotyping we infer that a person has a whole range of characteristics and abilities that we assume all members of that group have (McLeod, Saul, 2017)



18

The use of stereotypes is a major way in which we simplify our social world; since they reduce the amount of processing (i.e. thinking) we have to do when we meet a new person. Stereotypes are a way of mapping the world for us, making it simpler for various reasons. Yet, it becomes very dangerous when they turn into prejudice (what we believe in) and discrimination (how we act).

There are various reasons and perspective on how stereotypes are formed. One of the major ones would be:

- ethnocentrism
- inter-generation and upbringing stereotypes
- mass and social media
- lack of contact with the cultural group
- negative interpretation of the observed situation
- inadequate mental and emotional development.



Com que tipo de estereótipos terei de lidar na minha futura profissão como docente?

(10')

Entrar em uma nova cultura...

Aculturação....

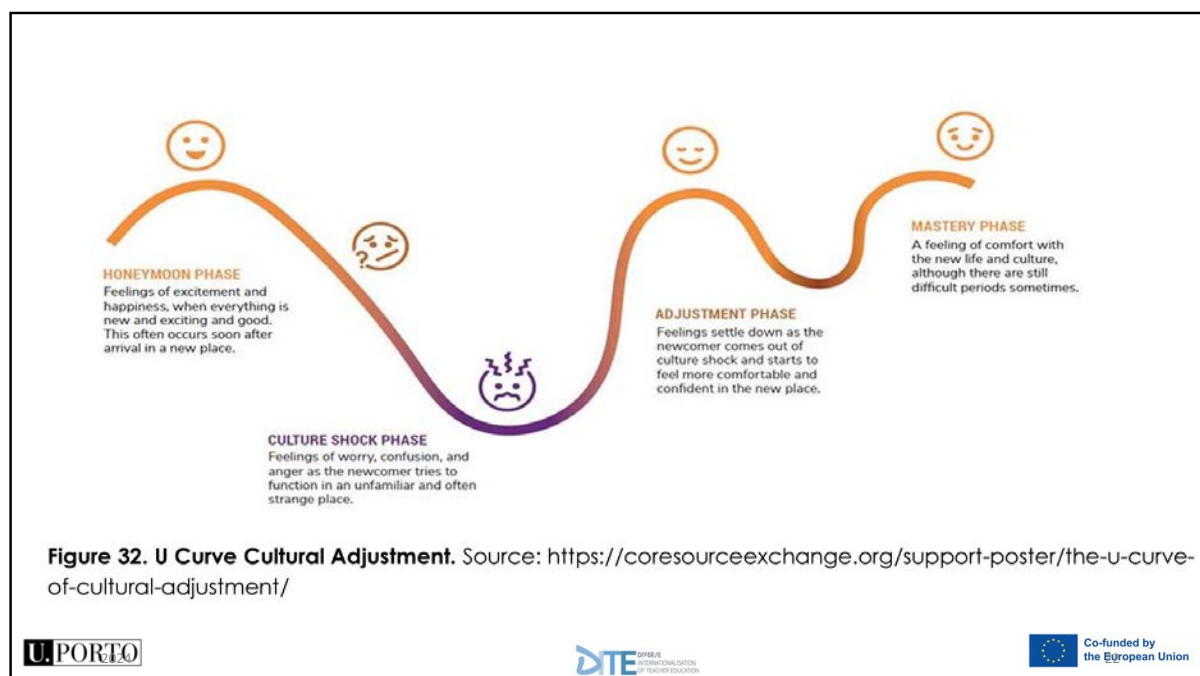
A escola HOJE.

O papel como professor/a

U. PORTO



21



22

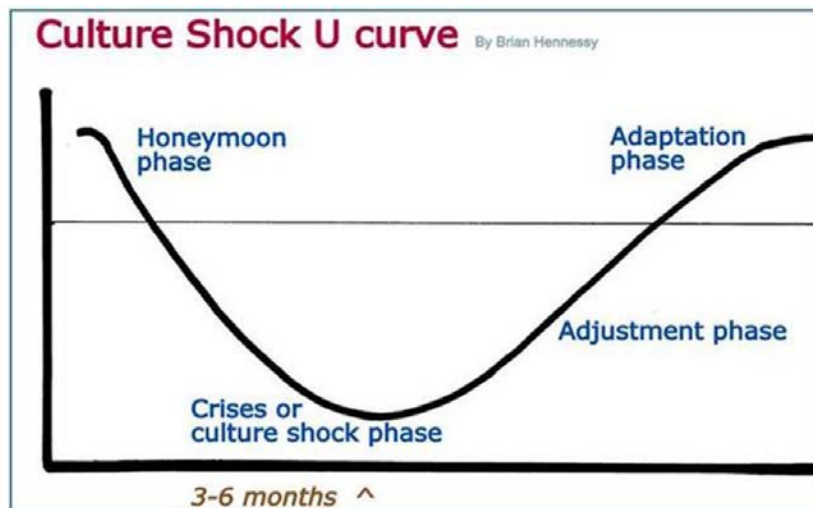


Figure 33. Culture Shock U curve model. Source: <https://edublin.com.br/wp-content/uploads/2014/02/U->

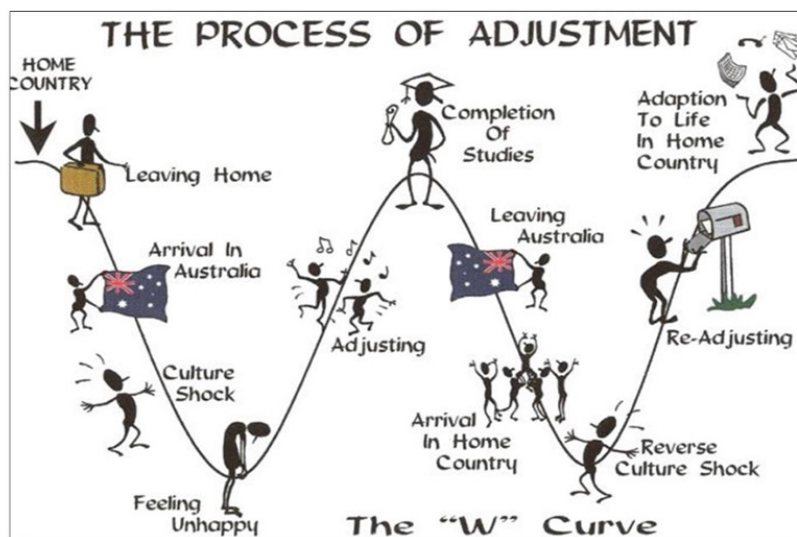


Figure 34. Re-entry shock - curve model. Source: <http://medwaystudents.blogspot.com/2017/10/culture-shock.html>



DITE DIVER/E
INTERNATIONALISATION
OF TEACHER EDUCATION

Fases do 'choque' cultural

Honeymoon
Confusão
Exaustão ...raiva 'de novo'...
Estabilização introdutória
Integração



20'



Co-funded by
the European Union

25



DITE DIVER/E
INTERNATIONALISATION
OF TEACHER EDUCATION

Fase do 'choque' cultural	Sintomas, comportamentos típicos e necessidades	como apoiar o/a aluno/a?
Honeymoon	<p>Curioso sobre as diferenças... alguma ansiedade</p> <p>A novidade encanta, intriga e provoca entusiasmo...</p> <p>Assinala uma grande necessidade de garantir o seu bem-estar em termos de segurança...</p>	





Co-funded by
the European Union

26

Fase do 'choque' cultural	Sintomas, comportamentos típicos e necessidades	como apoiar o/a aluno/a?
Confusão	Surpresa, irritação, sensação que os comportamentos com que está familiarizado são inadequados no presente sistema educativo, escola...	
	Retiram-se das atividades para reduzir a sensação de não integração...	

Fase do 'choque' cultural	Sintomas, comportamentos típicos e necessidades	como apoiar o/a aluno/a?
Exaustão ...raiva 'de novo' ...	Frustração, resignação, agredindo o contexto...	

Fase do 'choque' cultural	Sintomas, comportamentos típicos e necessidades	como apoiar o/a aluno/a?
Estabilização introdutória	Já conhece as regras de funcionamento na nova cultura, recupera o controlo..	
	Distancia-se da sua e da nova cultura...	
	Desejo de estabelecer e manter contactos sociais..	
	Melhora a capacidade psicológica, a concentração ...	

Fase do 'choque' cultural	Sintomas, comportamentos típicos e necessidades	como apoiar o/a aluno/a?
Integração	Capaz de estar eficientemente na escola, de acordo com as regras, mantendo os valores que são importantes na cultura da sua região/país de origem.	

COMPETÊNCIAS INTERCULTURAIS

Three overarching strands of intercultural competence

Openness - Respect for other cultures and tolerance of ambiguity

Knowledge - Knowledge discovery and empathy

Adaptability - Behavioural flexibility and communicative awareness

Six intercultural competences

Tolerance of ambiguity (TA) Tolerance for ambiguity is understood as the ability to accept ambiguity and lack of clarity and to be able to deal with it constructively.

Behavioural flexibility (BF) Behavioural flexibility is the ability to adapt one's own behaviour to different requirements and situations

Communicative awareness (CA) The ability in intercultural communication to establish relationships between linguistic expressions and cultural contents, to identify and consciously work with various communicative conventions of foreign partners and to modify correspondingly one's own linguistic forms of expression.

Knowledge discovery (KD) The ability to acquire new knowledge of a culture and cultural practices and the ability to act using that knowledge, those attitudes and those skills under the constraints of realtime communication and interaction

Respect for Otherness (RO) Curiosity and openness, readiness to suspend disbelief about other cultures and belief about one's own
Empathy (E) The ability to intuitively understand what other people think and how they feel in concrete situations. Empathic persons are able to deal appropriately with the feelings, wishes and ways of thinking of other persons.

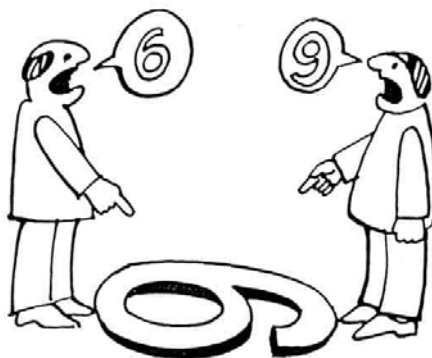


Figura 1. La competencia intercultural de Byram (1997, pp. 51-53) definida en términos de objetivos.



Is it really so easy to speak a foreign language?

Är det verkligen så lätt att tala ett främmande språk?

外国語を話すのは本当に簡単なのだろうか？

¿Es realmente tan fácil hablar una lengua extranjera?



È davvero così facile parlare una lingua straniera?

Ist es wirklich so einfach, eine Fremdsprache zu sprechen?

U. PORTO

35

COMUNICAÇÃO
VERBAL
NÃO VERBAL

U. PORTO

36

NONVERBAL COMMUNICATION

COMUNICAÇÃO

VERBAL

NÃO VERBAL

Co-funded by the European Union

37

SINAIS VERBAIS E NÃO-VERBAIS

Linguagem corporal

Tom de voz

Palavras

%?

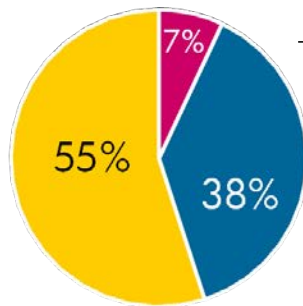
%?

%?

Co-funded by the European Union

38

SINAIS VERBAIS E NÃO-VERBAIS



Dr. Albert Mehrabian's 7-38-55% Rule

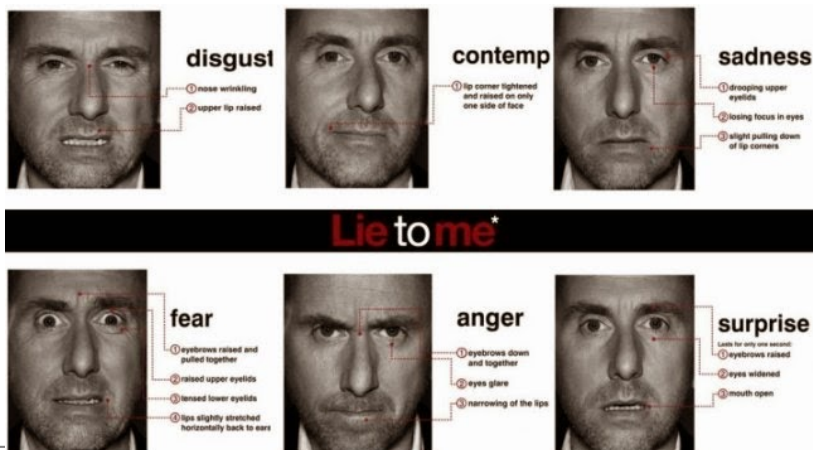
Elements of Personal Communication

- 7% spoken words
- 38% voice, tone
- 55% body language

SINAIS VERBAIS E NÃO-VERBAIS



SINAIS VERBAIS E NÃO-VERBAIS



SINAIS VERBAIS E NÃO-VERBAIS



Significado do contacto visual em diferentes culturas

Nature of eye contact	Example of culture
intensive	Arabic culture, Mediterranean countries, Latin America
constant (confident and energetic)	Northern Europe, North America
moderate	South Korea, Thailand, most African countries
indirect	most Asian countries

Interpretação do movimento das sobrancelhas

Culture	Meaning
Americans and Canadians	Interest, surprise
British	Scepticism
Germans	"Good idea!"
Philippines	"Hi"
Arabic cultures	"No"
Chinese	Lack of consent

Escala de aceitação do toque corporal

You can hug me
Middle East countries
Latin America
Spain, Portugal
India
China
Central Europe, Australia, France
USA
Japan
Don't touch me!

Significado dos gestos...

Polegar para cima

O sinal de **aprovação** ou concordância (culturas europeia e americana).



...mas...

em muitos países islâmicos e asiáticos é considerado um **grande insulto**. Na Austrália se o utilizador mover para cima e para baixo transforma o gesto num insulto.



Significado dos gestos...

‘V de vitória’ ou sinal de **paz**

...mas...

O sinal V com a palma da mão virada para dentro é considerado **um insulto** no Reino Unido e na África do Sul.



Significado dos gestos...

Sinal de OK

O sinal OK, bastante comum na maior parte do mundo anglófono, significando que tudo **está a correr bem** e de acordo com o planeado.

...mas...

Na América Latina e em França, o gesto é também considerado um **insulto**; na Austrália, significa "zero"; na Nova Zelândia, o utilizador é basicamente considerado **preguiçoso**...



Significado dos gestos...

O gesto da mão com os dedos mindinho e indicador para cima

Em muitos países europeus é o sinal do **demónio**, enquanto que no hinduísmo e no budismo é um sinal **positivo**.

O sinal é utilizado para indicar um cônjuge **traidor** em Itália, Brasil, Cuba, Espanha e Portugal.

Na Venezuela representa **boa sorte**, futuro promissor, conquista



Significado dos gestos...

O dedo médio para cima...

Um dos gestos **mais ofensivos e rudes** em todo o mundo é o dedo. O dedo médio a apontar para cima é considerado um gesto obsceno. Em alguns países mediterrânicos e árabes, segurar o dedo indicador em vez do dedo médio implica o mesmo gesto obsceno.



Procurar...



Egito:

Malásia:

India:

França:

Coreia:

América Latina:

Japão:

Países do Médio Oriente:

51



52

1. Our intercultural background does not influence the way we communicate
2. Non-verbal communication is as important as verbal communication.
3. Intercultural communication is not possible when cultural differences are huge.

Raízes: Cultura (Crenças, atitudes, valores, identidade) e comunicação (comportamento não verbal, linguagem, diálogo)

Tronco: diversidade cultural, direitos humanos, diálogo intercultural

Ramos: fases operacionais (esclarecer, ensinar, promover, promulgar, apoiar competências interculturais)

Folhas: responsabilidade intercultural, literacia intercultural, resiliência, mudança cultural, cidadania intercultural, coexistência, reflexividade, criatividade, competências, multilinguismo, disposições, emoções, conhecimento, tradução, competência comunicativa intercultural.

Algumas das folhas foram deixadas livres nesta árvore que está viva, o que pode ser complementado pela rica diversidade de contextos disponíveis em todo o mundo





Apêndice 3



1



2

U. PORTO

www.menti.com



U. PORTO

❖ **Internacionalização na formação de professores**

"the process of integrating an international, intercultural or global dimension into the purpose, functions (primarily teaching/learning, research, service) or delivery of higher education" (Jane Knight, 2004).

U. PORTO

5

❖ **Internacionalização na formação de professores**

"the intentional process of integrating an international, intercultural or global dimension into the purpose, functions and delivery of post-secondary education, in order to enhance the quality of education and research for all students and staff, and to make a meaningful contribution to society" (De Wit, Hunter, et al. , 2015).

U. PORTO

6

❖ **Internacionalização na formação de professores**

"a commitment, confirmed through action, to infuse international and comparative perspectives throughout the teaching, research and service missions of higher education. It shapes institutional ethos and values and touches the entire higher education enterprise" (John Hudzik ,2015).

Internalização *versus* Globalização

Internacionalização e globalização são conceitos relacionados, mas distintos.

Internacionalização é uma estratégia adotada por instituições de ensino superior para promover uma dimensão internacional nas suas dimensões educativas e serviços, enquanto globalização é à crescente interconexão e interdependência entre países e suas economias, culturas e populações.

1. Assunções



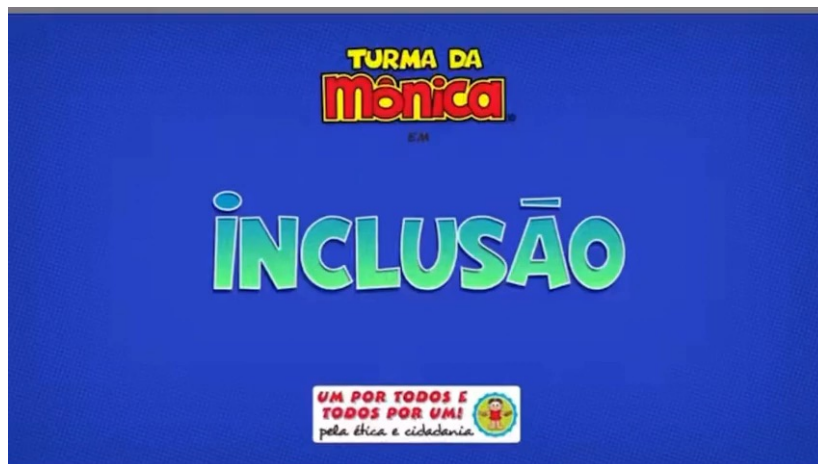
Internacionalização tanto da educação quanto da formação de professores é um processo intimamente relacionado à ideia de **inclusão**.

Embora a inclusão se refira ao amplo contexto do funcionamento das sociedades contemporâneas, ela está associada principalmente às **atividades educacionais**.



U. PORTO

9



U. PORTO

10

Diversidade e Inclusão

Necessidades Educativas Especiais



Necessidades Educativas Diversas



Educação para Todos

U. PORTO



Sign language

Photo by Brittani Burns on Unsplash

11

Testando a Hipótese

As pessoas têm mais fatores em comum do que peculiaridades



U. PORTO

12



Homo sapiens sapiens

U. PORTO

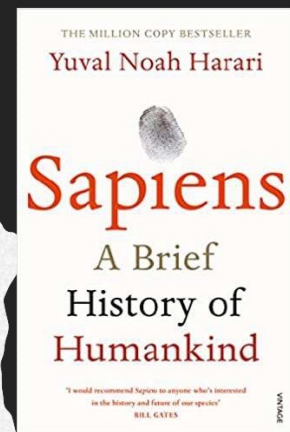
13



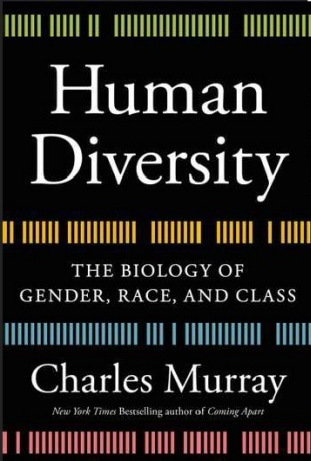
<https://franceintheus.org/spip.php?article620>

Unfair
equality

Equality as
a social concept
(fiction) between
liberty and
fraternity.



14



Human Diversity
THE BIOLOGY OF
GENDER, RACE, AND CLASS
Charles Murray
New York Times Bestselling author of Coming Apart

Diversity as a natural human condition

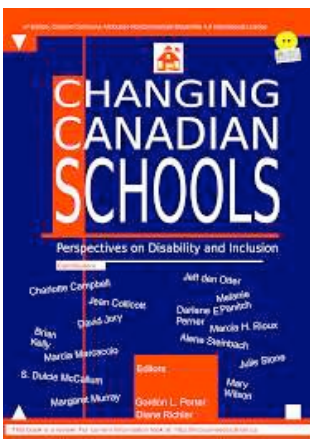
„Evolution is based on difference, not on equality. Every person carries a somewhat different genetic code, and is exposed from birth to different environmental influences. This leads to the development of different qualities that carry with them different chances of survival. 'Created equal' should therefore be translated into 'evolved differently'”



15



Educação Inclusiva como Política Social



O Canadá é, por definição, uma nação de diversidade.

- Os povos aborígenes deste vasto país representam apenas uma fração do mosaico de culturas, religiões, idiomas e estilos de vida que se torna cada vez mais evidente nas cidades, vilarejos e povoados canadenses.
- Visões ultrapassadas dos canadenses como descendentes de europeus brancos que falam inglês ou francês têm sido contestadas.

(Diane Richler, 1991)



16

• Qual o papel do professor para a construção do sucesso para todos quando todos são inegavelmente diferentes?

•Homogeneizar?

•Apagar a memória cultural?

Ou ajudar a construir a ponte entre as culturas e as diferenças atravessadas por cada aluno/a?



Terrível História: Relato de Sepultura Coletiva de Crianças Indígenas no Canadá



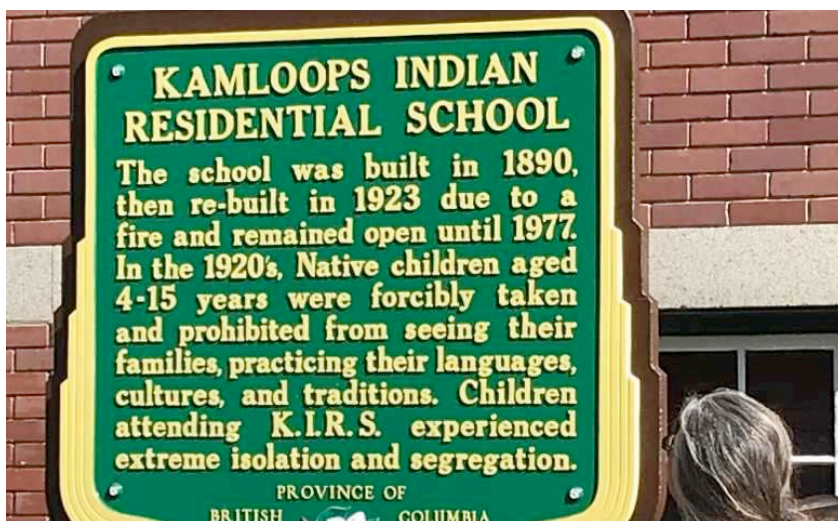
The Kamloops Indian Residential School in 1937. Credit...Archdiocese of Vancouver

Uma comunidade indígena afirma ter encontrado evidências de que 215 crianças foram enterradas nos terrenos de uma escola na Colúmbia Britânica, uma das muitas escolas no Canadá, construída para assimilá-las à força.

<https://www.nytimes.com/2021/05/28/world/canada/kamloops-mass-grave-residential-schools.html>

U. PORTO

19



Kamloops Indian Residential School. Photo: Province of British Columbia / Flickr / CC BY NC ND 2.0

U. PORTO

20

Professor 'daltónico cultural' (mono-cultural)

(Cortesão, 1998)



21



22



Desigualdade - Opressão - Marginalização - Exclusão

Racismo / estudos raça (ou etnias)

Classismo / estudos de classe/ trabalhadores

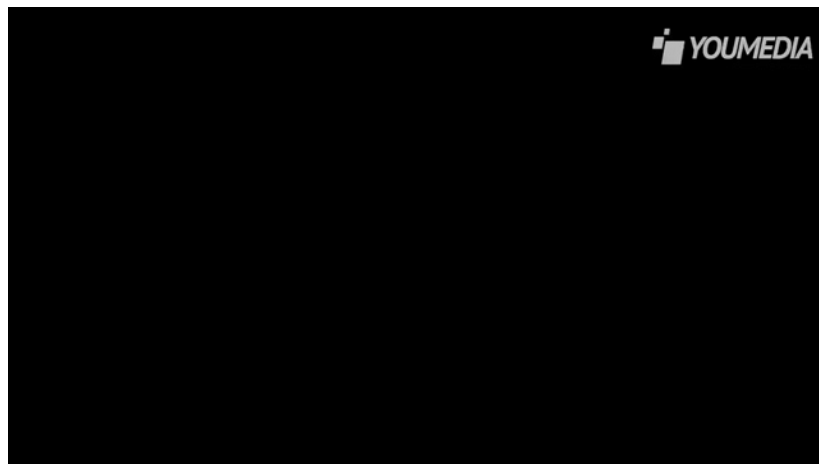
Sexismo / estudos feministas, de gênero, de mulheres

Capacitismo / estudos sobre capacidade e incapacidade

Ageísmo / estudos sobre envelhecimento, idade adulta, juventude e infância

23

O TESTE DA BONECA



U. PORTO

24

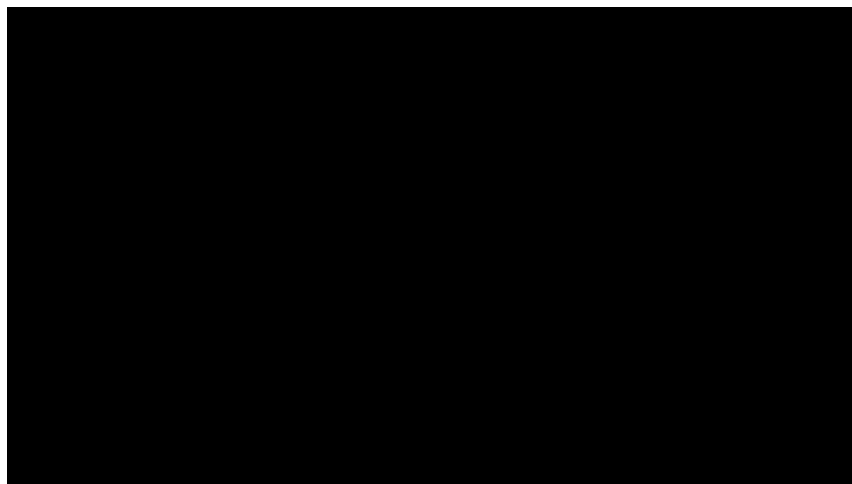
Questões de género



U. PORTO

25

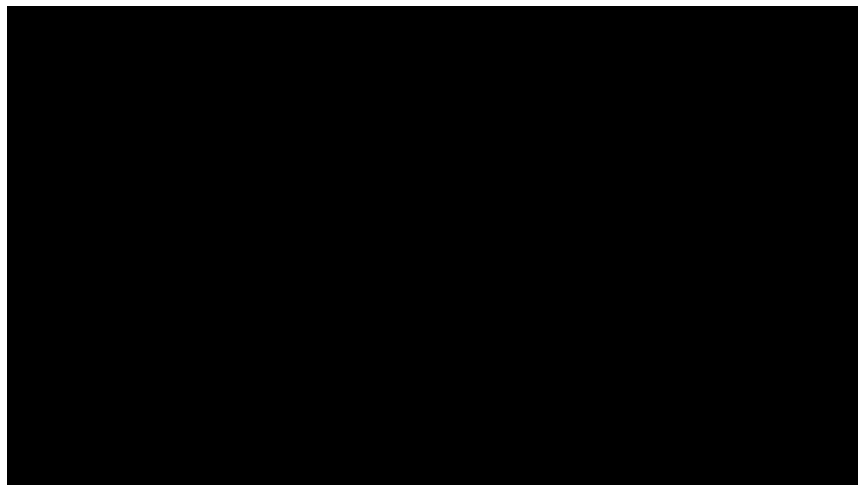
Vida Maria



U. PORTO

26

Preconceitos e Discriminação



U. PORTO

27

Ageísmo



U. PORTO

28

PAUSA ATIVA

U. PORTO

29

Pausa para o



30

Atividade 2: Slogan e Logotipo (cartolinas)



SALVE A DIVERSIDADE HUMANA!



DIFERENÇA NÃO É DEFEITO!

U. PORTO

31

Desigualdade - Opressão - Marginalização - Exclusão



Racismo / estudos sobre raça (ou etnias)

Classismo / estudos de classe/ trabalhadores

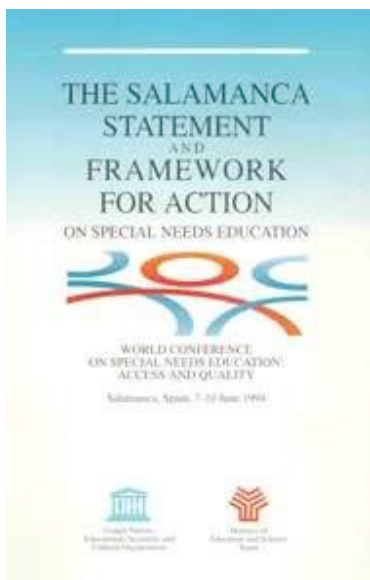
Sexismo / estudos feministas, de gênero, de mulheres

Capacitismo / estudos sobre capacidade e incapacidade

Ageísmo / estudos sobre envelhecimento, idade adulta, juventude e infância

32

Um ponto de viragem: Declaração de Salamanca (1994)



Um ponto de viragem na **inclusão educacional** foi a **Declaração de Salamanca de 1994 da UNESCO**, na qual o "**princípio da inclusão**" foi associado ao "reconhecimento da necessidade de trabalhar em direção a '**escolas para todos**' (School for All), instituições que incluem todos, celebram diferenças, apoiam a aprendizagem e respondem às necessidades individuais" (UNESCO 1994, p. iii).

Note-se que a própria Declaração foi o **resultado de cooperação internacional**, observando a similaridade das experiências de estudantes com necessidades educacionais especiais em diferentes países. **A abertura das escolas para as diversas necessidades dos alunos foi vista como a maneira mais eficaz de combater a discriminação, criar comunidades acolhedoras, construir uma sociedade inclusiva e alcançar a educação para todos**" (p. ix).

33

O Princípio condutor

Source: Pixabav.com



... o princípio que informa refere que as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Deve incluir crianças com deficiência e com capacidades, crianças de rua e que trabalham, crianças de populações remotas ou nômades, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais, e crianças em outras áreas ou grupos desfavorecidos ou marginalizados (UNESCO, 1994).

U. PORTO

34



U. PORTO

35

Igualdade



Equidade



IGUALDADE

Todos recebem o mesmo tratamento na oferta de oportunidades.



EQUIDADE

As diferenças entre as pessoas são ponderadas na oferta de oportunidades.

'Se um gigante e um anão caminham lado a lado, cada passo que derem dará nova vantagem ao gigante'

(Rousseau)



U. PORTO

36



U. PORTO

37

„ Educação Inclusiva é ...



A educação inclusiva refere-se a uma mudança fundamental no sistema educacional existente, deixando de ver a diferença como um problema a ser corrigido e passando a celebrar a diversidade dos alunos(as), proporcionando tod@ os apoios necessários para possibilitar uma participação igualitária.

<https://www.allfie.org.uk/about-us/our-principles/>

U. PORTO

38

2. Princípios



U. PORTO

39

Seguindo os princípios da Inclusão



• Os princípios mais gerais e, ao mesmo tempo, os mais importantes da inclusão **dizem respeito tanto à igualdade quanto ao respeito pelas diferenças.**

• No contexto educacional, estamos a referir-nos ao **acesso igual à educação** e a **diversidade das necessidades educacionais** de todos os alunos.

• Se a igualdade, no caso de grupos minoritários e grupos mais vulneráveis a tratamento desigual, não for apenas uma ideia vazia, então **é necessário tomar medidas para uniformizar o desenvolvimento e as oportunidades educacionais.**

• Também é importante entender a **acessibilidade** e a **participação** como princípios que devem ser aplicados igualmente em regulamentações legais, na estrutura das organizações (incluindo escolas) e na criação de espaços físicos (acessibilidade de edifícios e transporte).

U. PORTO

40

Regras práticas

1. A diversidade na sala de aula enriquece e fortalece a educação.
2. Um currículo baseado em pontos fortes e personalizado.
3. Envolvimento do aluno, agência e voz.
4. Interagir com todos os seus stakeholders críticos.
5. Professores inclusivos precisam de envolvimento, conhecimento e competências práticas.

<https://www.monash.edu/education/teachspace/articles/five-principles-of-inclusive-education>

U. PORTO

41

Abordagem Interseccional

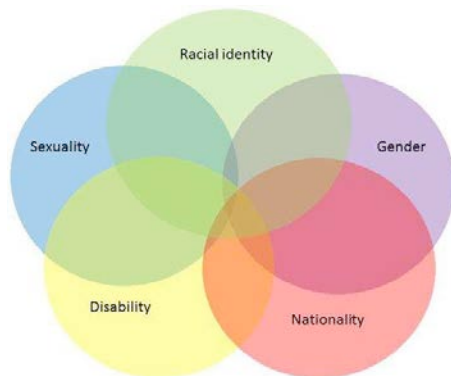


Source: Pixabay.com

U. PORTO

42

O princípio da Interseccionalidade



O Dicionário Oxford define interseccionalidade como "a natureza interconectada das categorizações sociais, como raça, classe e gênero, considerada como criadora de sistemas sobrepostos e interdependentes de discriminação ou desvantagem".

<https://www.womankind.org.uk/intersectionality-101-what-is-it-and-why-is-it-important/>

U. PORTO

43



Feminismo negro

- A teoria da interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw desenvolve-se como parte dos estudos críticos de raça, revelando uma dimensão diferente e multiplicada de opressão vivenciada por mulheres negras, também por ativistas brancas que dominam o discurso feminista

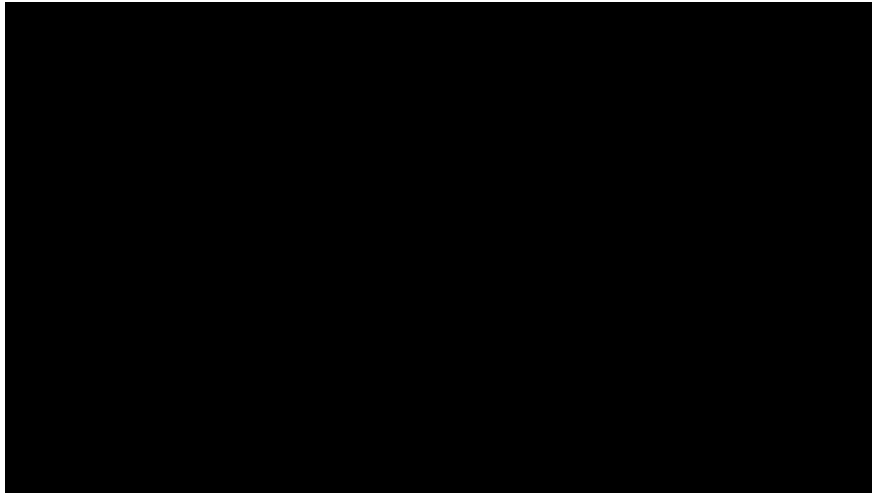
Crenshaw K. (1989), *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. „The University of Chicago Legal Forum”, vol. 140, pp. 139-167.



U. PORTO

44

Interseccionalidade



U. PORTO

45

Atividade 3

- 1- Cria o cenário.
- 2- Desempenha o papel.
- 3 - Atira a bola.
- 4- Termina a história.

Quem vence, o Preconceito ou Tolerância?



U. PORTO

46



Desigualdade - Opressão - Marginalização - Exclusão

Racismo / estudos sobre raça (ou etnias)

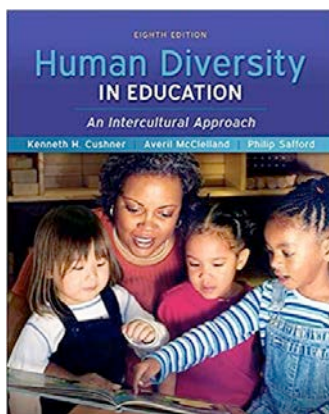
Classismo / estudos de classe/ trabalhadores

Sexismo / estudos feministas, de gênero, de mulheres

Capacitismo / estudos sobre capacidade e incapacidade

Ageísmo / estudos sobre envelhecimento, idade adulta, juventude e infância

47



Escolas como pontos de encontro cultural

- (raça) e etnia,
- nacionalidade e região,
- idioma,
- pluralismo religioso,
- idade e status,
- emergência de diversidade de gênero e sexual,
- o continuum capacidade/incapacidade
- a dimensão da saúde.

U. PORTO

48

Internacionalização inclusiva na Formação de Professores
86 responses

www.menti.com

Código: 1752 6006



Atividade 4



Mentimeter



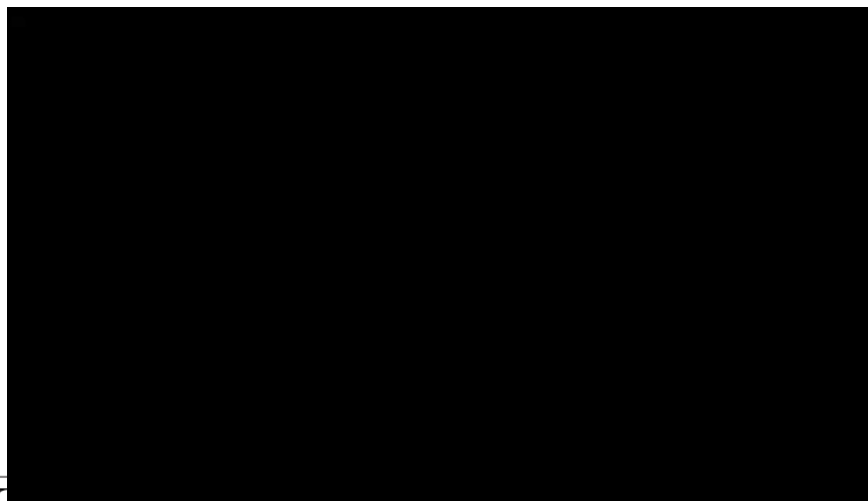
U. PORTO

49

E porque vivemos num cenário de Guerra terminamos com uma apelo à Paz pela Inclusão de todas as Religiões

ONE DAY

Este é o grupo Koolulam, criado por Or Taicher, israelita, em meados de 2016. Este show reúne 3.000 pessoas, muçulmanos, cristãos, judeus e outros povos ... A letra é linda! As palavras têm poder ...



U. PORTO

50

INTERNACIONALIZAÇÃO INCLUSIVA

Clara Vasconcelos
Paula Queirós



Apêndice 4



Módulo 5: Internacionalização dos processos de ensino e aprendizagem

Porto | 27 de janeiro de 2024 | 14h00-17h00

Henrique Vaz (FPCEUP)
Rosa Tomás Ferreira (FCUP)

Co-funded by the European Union

1

1



Objetivos do módulo 5

- Identificar desafios e oportunidades de ensino e aprendizagem na **sala de aula internacional**
- Explicar o processo de **internacionalização do currículo**
- Selecionar **métodos de ensino** adequados que apoiem uma aprendizagem internacionalizada
- Refletir sobre a própria **disposição para**/atitude relativa à **internacionalização do ensino-aprendizagem**

Co-funded by the European Union

2

2

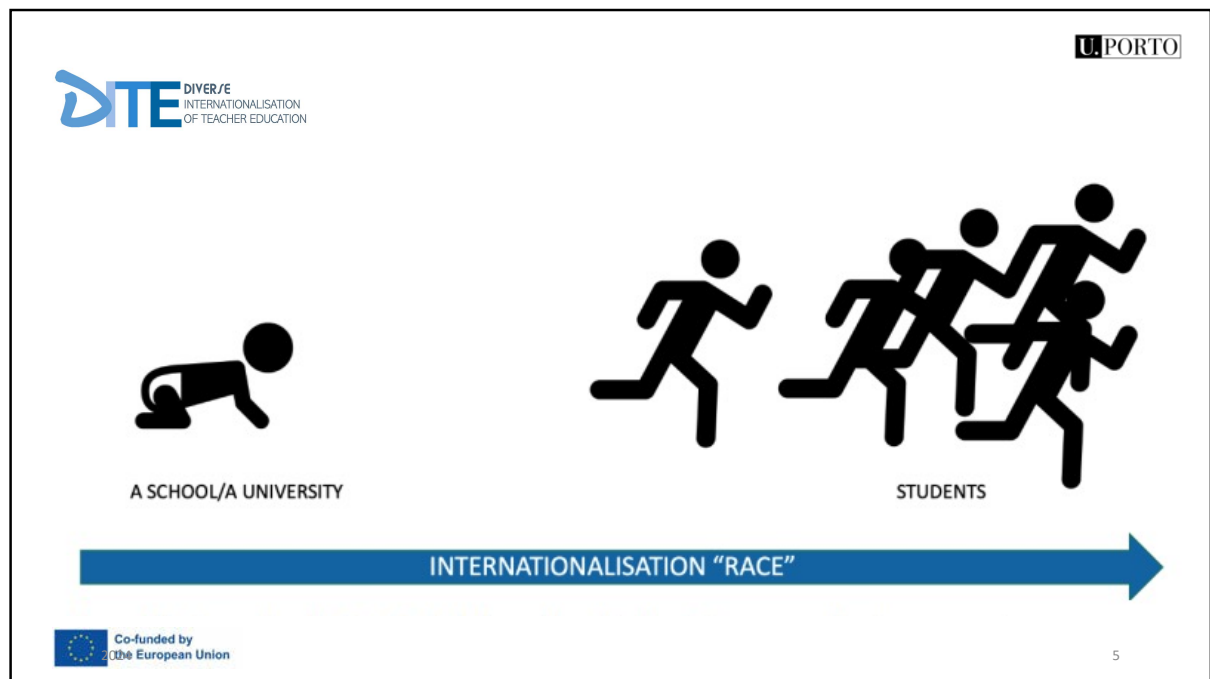
Sumário

1. A sala de aula internacional
2. Internacionalização em casa e internacionalização do currículo
- 3 . Internacionalização do ensino e da aprendizagem – ideias e soluções

3

1. A sala de aula internacional

4



5



6

Ponto de situação:

No processo de internacionalização, **os(as) estudantes tendem a estar mais despertos e sensíveis do que as universidades e escolas**, as quais só agora começam as suas atividades de internacionalização

Uma sala de aula internacional é entendida como uma oportunidade para desenvolver competências interculturais e internacionais nos(as) estudantes

Ponto de situação:

No processo de internacionalização, **os(as) estudantes tendem a estar mais despertos e sensíveis do que as universidades e escolas**, as quais só agora começam as suas atividades de internacionalização

Uma sala de aula internacional é entendida como uma oportunidade para desenvolver competências interculturais e internacionais nos(as) estudantes

Um(a) professor(a) deve ser competente para ensinar numa sala de aula internacional, modelando atividades que suportem a aprendizagem nesse ambiente

O ensino e a aprendizagem numa sala de aula internacional confrontam-se com um número de **desafios**, dos quais se destacam:

- a língua
- a cultura
- a diversidade

- Cada pessoa recebe um cartão com uma frase iniciada: como a completaria? (1 min)
- Juntem-se às pessoas com o mesmo cartão, comparem ideias e encontrem uma forma global de completar a frase, integrando as diferentes perspetivas (10 min)

Numa sala de aula internacional, os(as) professores(as) precisam de ser capazes de...	Competências comunicacionais significam ser capaz de...	Os riscos dos estudantes na aprendizagem de conteúdos numa segunda língua são...
Ter estudantes com diferentes níveis de proficiência linguística na mesma sala de aula significa...	Os(as) falantes nativos(as) numa sala de aula internacional são...	O(A)s professores(as) que ensinam numa segunda língua num contexto internacional são...
Saltar entre línguas numa sala de aula internacional é...	Todos os processos de ensino e aprendizagem envolvem...	O que importa num contexto de <i>língua franca</i> é...

Numa sala de aula internacional, os(as) professores(as) precisam de ser capazes de...	Competências comunicacionais significam ser capaz de...	Os riscos dos estudantes na aprendizagem de conteúdos numa segunda língua são...
Ter estudantes com diferentes níveis de proficiência linguística na mesma sala de aula significa...	Os(as) falantes nativos(as) numa sala de aula internacional são...	O(A)s professores(as) que ensinam numa segunda língua num contexto internacional são...
Saltar entre línguas numa sala de aula internacional é...	Todos os processos de ensino e aprendizagem envolvem...	O que importa num contexto de <i>língua franca</i> é...

“O que importa num contexto de língua franca é...”

*As Comunidades Académicas Internacionais comunicam em grupos maioritariamente não nativos. **O que conta** é a clareza, eficácia e a apropriação contextual da comunicação. Enquanto os standards académicos elevados são vitais, o inglês ao nível dos nativos não é. (Mauranen, 2007)*

Numa sala de aula internacional, os(as) professores(as) precisam de ser capazes de...	Competências comunicacionais significam ser capaz de...	Os riscos dos estudantes na aprendizagem de conteúdos numa segunda língua são...
Ter estudantes com diferentes níveis de proficiência linguística na mesma sala de aula significa...	Os(as) falantes nativos(as) numa sala de aula internacional são...	O(A)s professores(as) que ensinam numa segunda língua num contexto internacional são...
Saltar entre línguas numa sala de aula internacional é...	Todos os processos de ensino e aprendizagem envolvem...	O que importa num contexto de <i>língua franca</i> é...

“Todos os processos de ensino e aprendizagem envolvem...”

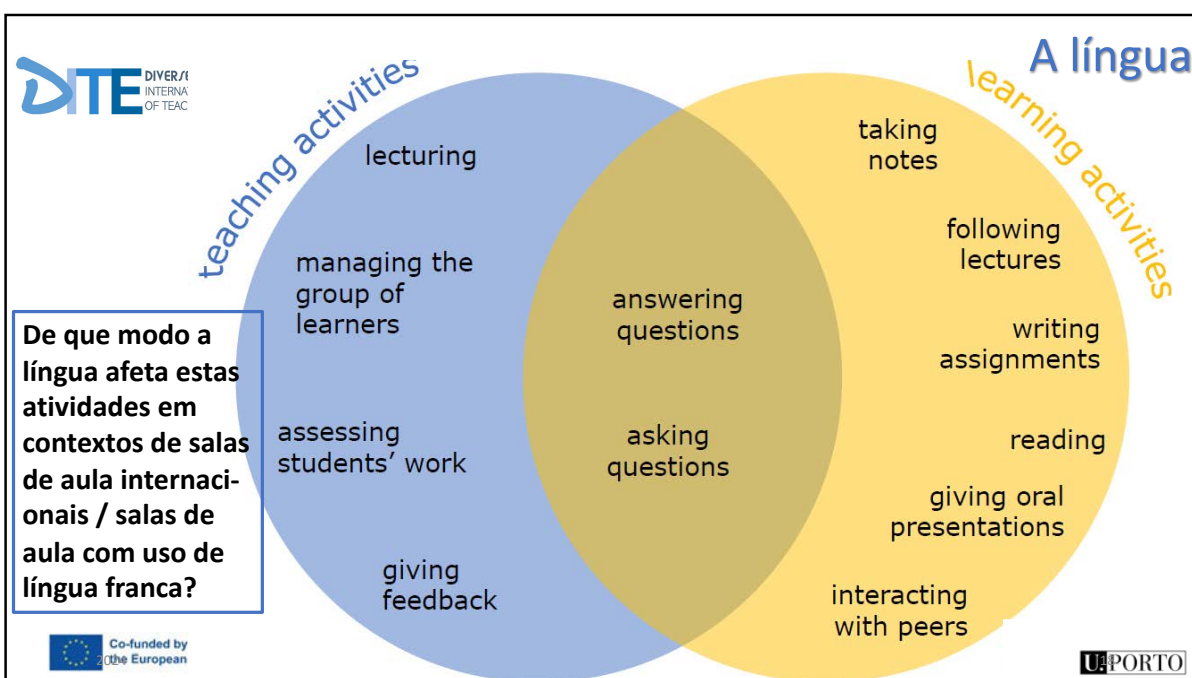
*Todos os professores são professores
de **línguas** (Airey, 2012).*

A língua

- Algumas interrogações:
- - A língua de comunicação e a língua da disciplina são coisas diferentes. O que podem fazer os(as) professores(as) para ensinar aos estudantes a língua da sua disciplina?
- - Como podem os(as) professores(as) apoiar a compreensão da língua (da disciplina e de comunicação)?
- - Como ajudar os estudantes a desenvolver competências linguísticas?

- Como criar um **ambiente de aprendizagem linguisticamente integrador** que demonstre que as línguas dos(as) estudantes são valorizadas?
- Como podem professores(as) e estudantes construir **confiança** para se envolverem na língua de comunicação?
- Como podem os(as) professores(as) **garantir** que a **qualidade do ensino e da aprendizagem** não é prejudicada pelo ensino e aprendizagem numa segunda ou terceira língua?

17



18

- Os professores e os alunos falam mais devagar
- Abordam-se menos conteúdos
- As interações são menos espontâneas
- Há menor propensão para os alunos colocarem questões
- É difícil para os alunos tomarem notas durante as aulas
- Ler e escrever sobre os conteúdos abordados é mais demorado
- É mais desafiante para os alunos fazerem apresentações orais
- Dar feedback é mais desafiante para o professor
- ...

Que estratégias podemos desenvolver para apoiar os estudantes nestes desafios relacionados com a língua?

É claro que incrementar a **competência para comunicar numa língua estrangeira** é crucial para otimizar a comunicação na aula. Mas podemos desenvolver algumas estratégias que, mesmo sem grande proficiência linguística, ajudam a apoiar os estudantes.

- Por exemplo, pensar cuidadosamente a **interação entre a informação** mostrada nos slides de um ppt e aquela disponibilizada em apresentações orais

Atividade – estratégias

Que estratégias podemos desenvolver para apoiar os estudantes nestes desafios relacionados com a língua?

- Fazer 5 grupos
- Escrever em post-its 3 estratégias que estejam dispostos a implementar nas vossas salas de aula internacionais.

(10 min)

- Situar as estratégias no gráfico.

(10 min)

A cultura

A competência intercultural pode ser definida como “a capacidade de comunicar efetiva e apropriadamente em situações interculturais, baseada no conhecimento, competências e atitudes interculturais de cada um” (Deardorff, 2006)

A competência intercultural desenvolve-se ao longo da vida.

A escola deveria ser um lugar ao qual **todos(as) pertencem**.

A diversidade de estudantes pode ser um desafio para o(a) professor(a), forçando-o(a) a modificar estratégias de ensino de tal modo que todos(as) os(as) estudantes possam beneficiar da aula.

Importa distinguir dimensões da diversidade:

1. **Diferenças inatas/psicológicas** (como alterar a nossa natureza?)
2. **Diferenças socioculturais** (sobre as quais se pode intervir educativamente)

Diferenças inatas/psicológicas (coletivamente partilhadas)	Diferenças socioculturais (diferenças singulares)
<ul style="list-style-type: none"> - Idade - Género - Capacidade física - Raça - Etnia - Orientação sexual 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação - Experiência de trabalho - Estilo de pensamento - Valores pessoais - Crenças políticas, religiosas,... - Aparência pessoal - Rendimentos
<i>Sobre as quais não temos qualquer controlo porque nascemos com estes aspetos da (nossa) diversidade</i>	<i>Sobre as quais temos algum controlo e as quais podem(os) ou não mudar ao longo do tempo</i>
Poder discriminatório considerável, embora não sejam fatores que afetem a aprendizagem	Definem os atributos essenciais de cada um e formam a base da identidade e da subjetividade

Como podem os(as) professores(as) promover e desenvolver competências interculturais nos(as) estudantes? E como podem valorizar a diversidade e fazer uso dela num contexto de aprendizagem internacionalizada?

- Escolham uma estratégia, das 3 que elegeram há pouco, que ajude a desenvolver competências interculturais nos(as) estudantes e os(as) ajudem a valorizar a diversidade.

2. Internacionalização em casa e internacionalização do currículo

- Pode não haver um número significativo de estudantes internacionais, mas quer isto dizer que perdemos a oportunidade de internacionalizar a aula?
- É o estudo no estrangeiro a única oportunidade de internacionalização dos estudantes?

A abordagem que pode suportar um processo sistémico de internacionalização na educação é o que designamos por **internacionalização em casa:**

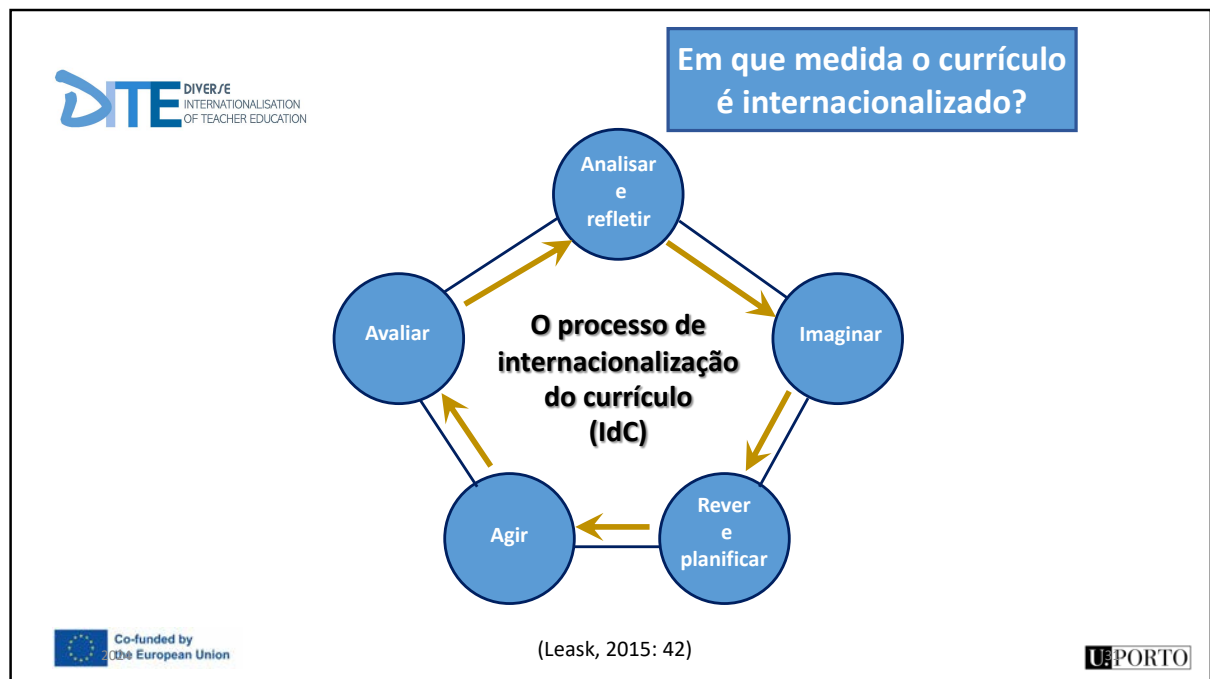
“trata-se da deliberada integração de dimensões internacionais e interculturais no currículo formal e informal para todos os estudantes no contexto de ambientes de aprendizagem domésticos” (Beelen & Jones, 2015: 69)

Um dos modos mais eficazes de trazer a internacionalização para a sala de aula doméstica é **internacionalizar o currículo**, ou seja,

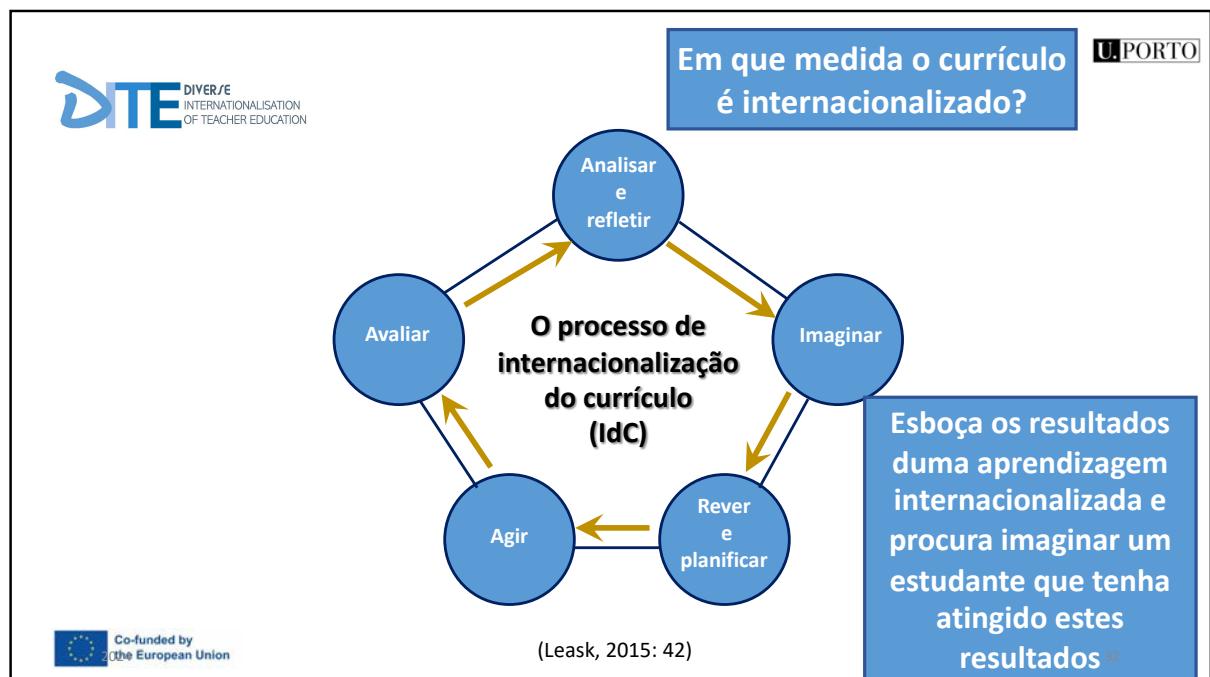
“a incorporação de dimensões internacionais, interculturais e/ou globais nos conteúdos do currículo, bem como resultados, tarefas de avaliação, métodos de ensino e serviços de apoio de um programa de estudo” (Leask, 2015: 9)



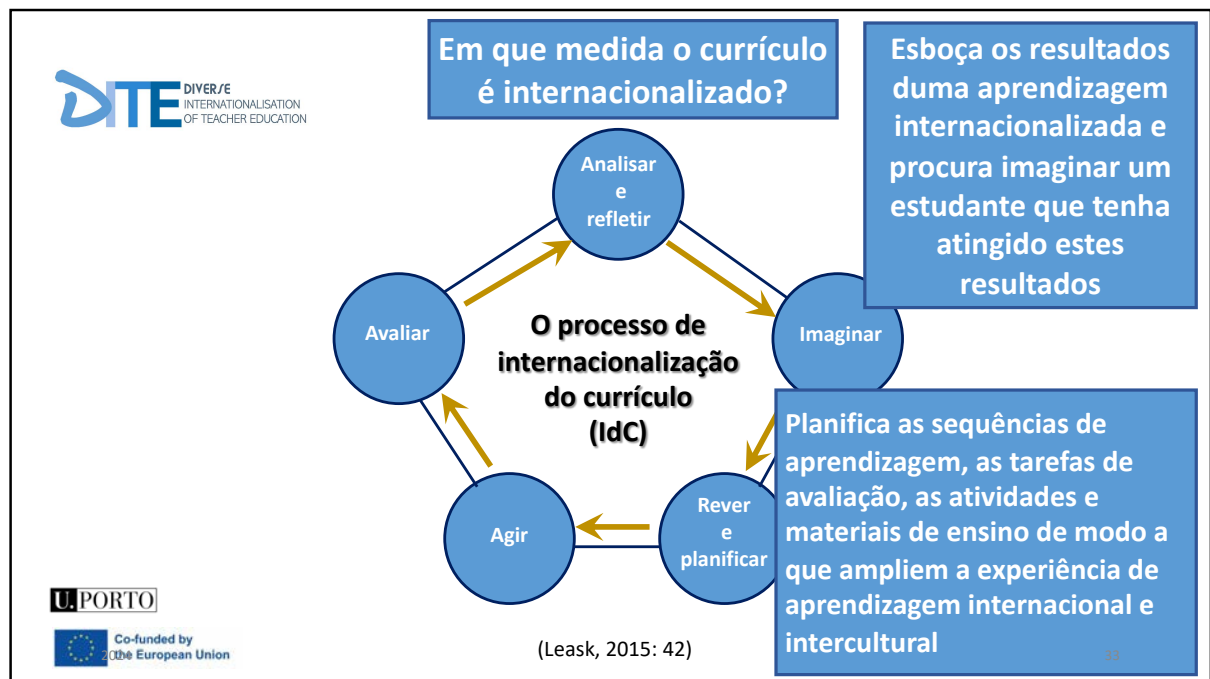
(Leask, 2015: 42)



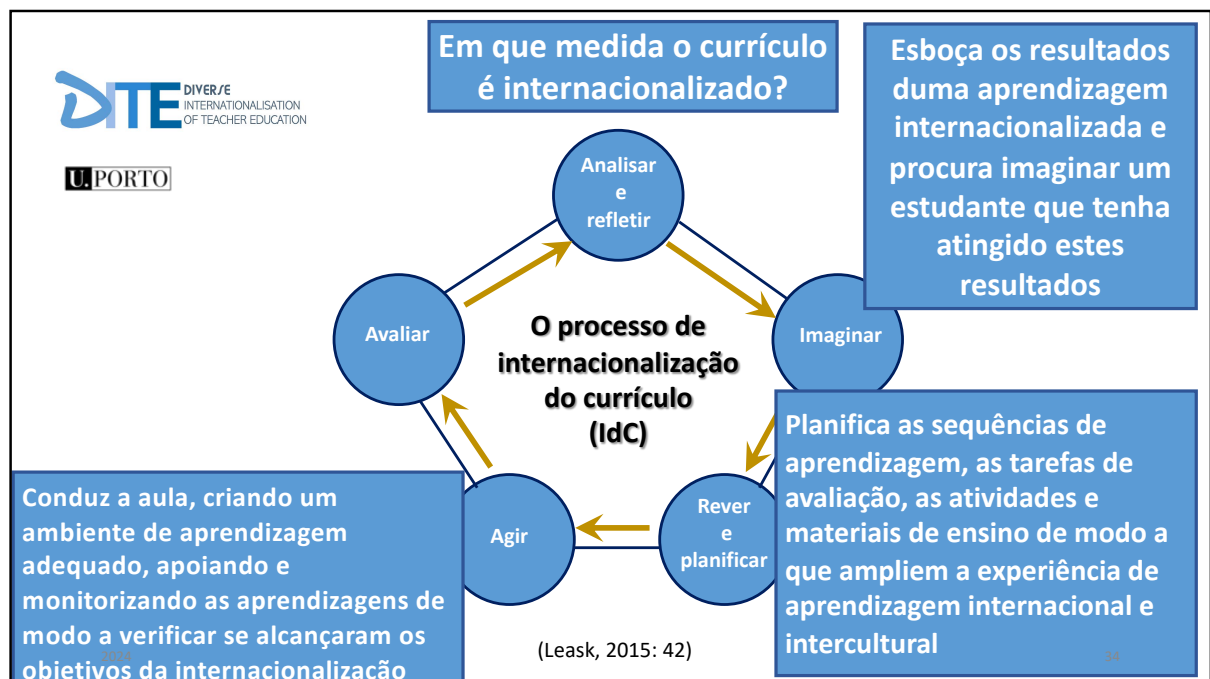
31



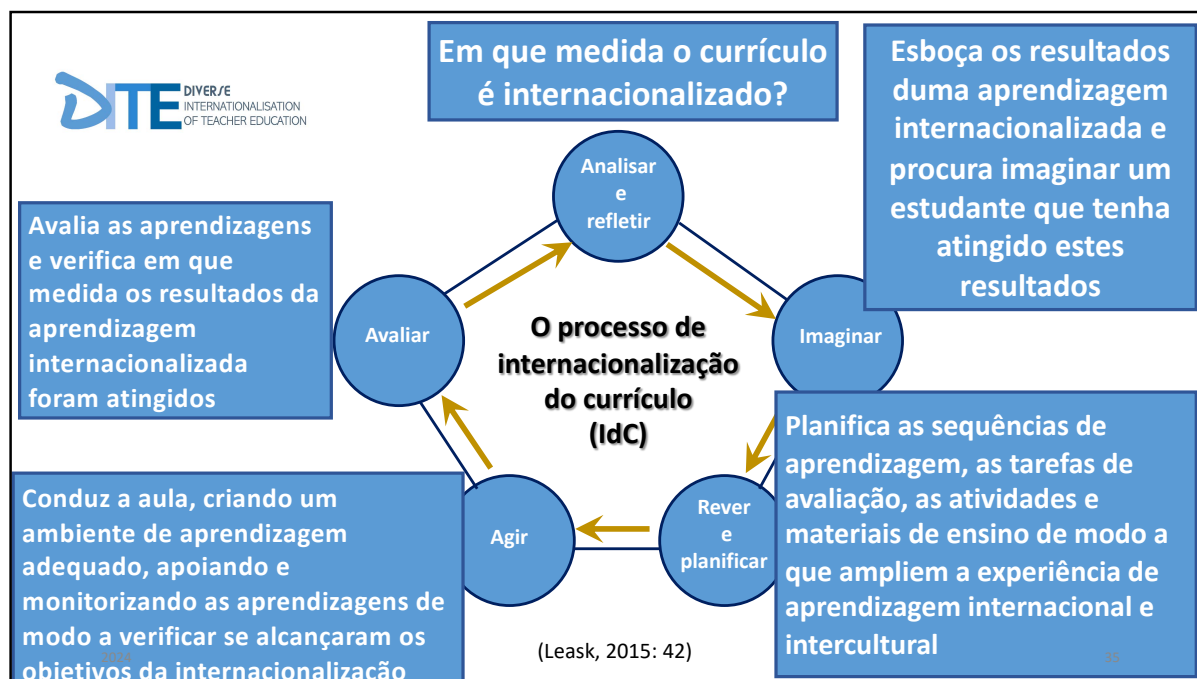
32



33



34



35

DITE DIVER/E
INTERNATIONALISATION
OF TEACHER EDUCATION

Aprofundando a questão da internacionalização do currículo, analisemo-la a partir das seguintes componentes:

- os conteúdos
- os métodos de ensino
- as tarefas de avaliação

Co-funded by
the European Union

U.PORTO

36

Internacionalizar os conteúdos significa incorporar perspetivas globais, contextos culturais diversos e experiências transculturais no currículo. São exemplos:

- Integrar **exemplos** internacionais, estudos de caso e investigação de diferentes regiões e culturas
- **Leituras, recursos** multimédia e **convidados** que destaquem diferentes experiências e pontos de vista
- **Partilhar ideias e perspetivas** de estudantes de vários enquadramentos culturais
- **Encorajar discussões, trabalho de grupo e projetos** que envolvam colaboração entre estudantes de diferentes países ou contextos culturais...

O objetivo é a criação de ambientes de aprendizagem que vão ao encontro das necessidades dos(as) diversos(as) estudantes.

- Esta abordagem reconhece a **importância da diversidade cultural**, das competências interculturais e da integração de múltiplas perspetivas no ensino e na aprendizagem

O objetivo é a criação de ambientes de aprendizagem que vão ao encontro das necessidades dos(as) diversos(as) estudantes.

- Esta abordagem reconhece a **importância da diversidade cultural**, das competências interculturais e da integração de múltiplas perspetivas no ensino e na aprendizagem
- O **construtivismo**, enquanto quadro conceptual das práticas de ensino, realça o papel ativo dos(as) estudantes na construção do conhecimento
- O ensino não trata apenas da transmissão de informação, mas procura antes o **envolvimento ativo dos(as) estudantes na aprendizagem**

O objetivo é a criação de ambientes de aprendizagem que vão ao encontro das necessidades dos(as) diversos(as) estudantes.

- A **aprendizagem experiencial** encoraja os(as) estudantes a participar ativamente pondo “a mão na massa” em vez de receberem passivamente informação
- A **aprendizagem ativa** acontece se o(a) estudante relacionar novos conhecimentos com ideias existentes de um modo que lhe permita progredir na aprendizagem

A **internacionalização das tarefas de avaliação** pressupõe que as mesmas sejam **inclusivas** e sensíveis às diferentes heranças culturais, experiências e perspetivas dos(as) estudantes.

- Pressupõe ainda a imperatividade de criar **momentos diversos** ao longo da aprendizagem, entremeados com o retorno das aprendizagens efetuadas aos(às) estudantes
- Pressupõe a **possibilidade**, aberta aos(às) estudantes, de efetuarem **trabalhos nas suas línguas nativas ou numa língua franca**

3. Internacionalização do ensino e da aprendizagem – ideias e soluções

- Como podemos enriquecer as experiências internacionais/interculturais dos(as) nossos(as) estudantes? (tanto oportunidades formais como informais)
- Como podemos apoiar a compreensão da língua e dos materiais de instrução? (tanto na aula doméstica em que usamos o português como na aula internacional em que usamos uma mistura da nossa língua nativa e do inglês)
- Como podemos promover as competências globais na nossa aula? (Que estratégias e ensino podemos usar?)
- Como podemos envolver TODOS os(as) estudantes nas atividades de aprendizagem? (que estratégias de ensino e de aprendizagem devemos escolher?)
- Como podemos usar tecnologia para internacionalizar o ensino e a aprendizagem dos estudantes? (pense em pequenas e grandes ideias do mesmo modo)

Cinco equipas de 6 pessoas. Há 5 questões para discussão

1. Pense individualmente sobre ideias que lhe venham à cabeça. Escreva-as (3 minutos)
2. Vá para a mesa do seu grupo, partilhe ideias e escreva-as no poster (10 minutos)
3. Escolha uma pessoa do grupo para ser o guarda do poster
4. O guarda do poster permanece na mesa e os outros membros do grupo movem-se para a mesa seguinte (1 minuto)
5. Os guardas do poster apresentam brevemente as ideias do poster às novas pessoas (1 minuto)

Cinco equipas de 6 pessoas. Há 5 questões para discussão

6. As novas pessoas acrescentam mais algumas ideias e escrevem-nas no poster (3 minutos)
7. Repita as etapas 5, 6 e 7 mais três vezes e retorne ao seu grupo original (onde está o seu guarda do poster)
8. O guarda do poster apresenta brevemente as ideias recolhidas aos membros do seu grupo (3 minutos)
9. Pendure o poster na parede; cada pessoa pega em três post-it e cola-os junto das 3 ideias de que mais gosta e que é capaz de introduzir/conduzir/usar na sua sala de aula brevemente (3 minutos)

Bibliografia

Beelen, J. & Jones, E. (2015). Redefining Internationalisation at Home. In Curaj, A., L. Matei, J. Salmi & P. Scott (eds), *The European Higher Education Area. Between critical reflections and future policies*. Springer.

Deardorff, D. (2006). Identification and Assessment of Intercultural Competence as a Student Outcome of Internationalisation. *Journal of Studies in International Education*, 10(3), 241-366.

Kalantzis, Mary & Cope, Bill (2005). *Learning by Design*. Altona: Common Ground Publishing Pty Ltd.

Leask, B. (2015). *Internationalising the Curriculum. Internationalisation in Higher Education Series*. Routledge.

**Internacionalização em Contexto Escolar:
Potenciar a Diversidade e Internacionalização na Formação de Professores
Universidade do Porto | 2024**

[TÍTULO DA ATIVIDADE]

ESTUDANTE 1¹ :: ESTUDANTE 2² :: ESTUDANTE 3³ :: ESTUDANTE 4⁴ :: ESTUDANTE 5⁵

¹INSTITUIÇÃO ESTUDANTE 1 :: ²INSTITUIÇÃO ESTUDANTE 2 :: ³INSTITUIÇÃO ESTUDANTE 3 :: ⁴INSTITUIÇÃO ESTUDANTE 4 :: ⁵INSTITUIÇÃO ESTUDANTE 5 ::

INTRODUÇÃO

Texto, imagens, etc.

OBJETIVOS

Texto, imagens, etc.

OPERACIONALIZAÇÃO

Texto, imagens, etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Texto ...